



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
LETRAS - PROFLETRAS**



**MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA**

***O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E A GAMIFICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE  
LEITURA LITERÁRIA***

**GUARABIRA - PB  
2023**

**MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA**

**O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E A GAMIFICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE  
LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração:** Linguagens e Letramentos.

**Linha de pesquisa:** Estudos Literários.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA - PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F147m Ferreira, Maria Josely dos Santos.  
O meu pé de laranja lima e a gamificação [manuscrito] :  
uma proposta de leitura literária / Maria Josely dos Santos  
Ferreira. - 2023.  
106 p.  
  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede  
Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,  
Departamento de Letras - CH. "  
1. Letramento Literário. 2. Narrativa infanto-juvenil. 3.  
Ensino. 4. Gamificação. I. Título

21. ed. CDD 372.4

**MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA**

**O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E A GAMIFICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE  
LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 31/03/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosângela Neres A. Silva*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva  
Orientadora (UEPB / PROFLETRAS)

*Luciane Alves Santos*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Alves Santos  
Avaliadora Externa (UEPB / PPGL)

*Maria Suely da Costa*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Suely da Costa  
Avaliadora Interna (UEPB / PROFLETRAS)

Aos meus pais, pelos primeiros ensinamentos e por me guiarem para o caminho do bem e me ensinarem desde cedo sobre perseverança e dedicação. Com amor, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela dádiva da vida!

Agradeço imensamente aos meus pais, Maria e Severino, sempre dedicados em orientar e preparar os filhos para a vida e por serem os primeiros exemplos de coragem e persistência, me ensinado a não desistir diante dos desafios.

Ao meu esposo, Dimas, meu grande incentivador, por sempre acreditar em mim e estar ao meu lado em todos os momentos. Um pai amoroso e um professor que inspira por sua competência, entusiasmo e otimismo que não se abalam mesmo diante das diversidades.

A meu filho Davi, por me ensinar tanto sobre a vida e sobre mim mesma. Como é bom ser sua mãe. Nós te amamos!

A minha orientadora, Rosângela Neres, por toda contribuição e conhecimento compartilhado e por ser uma profissional inspiradora. Agradeço por tudo e em especial, pela maneira humana e gentil de tratar as pessoas que a cercam. Exemplo para vida!

As professoras da banca examinadora, Luciane Alves e Maria Suely, que contribuíram significativamente com a pesquisa. Meu muito obrigada!

Aos professores do PROFLETRAS – Campus Guarabira, pelas contribuições, incentivo e por continuarem a fomentar e acreditar em uma educação de qualidade.

A turma 07, amigos que levarei para além do mestrado. Vocês são incríveis!

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos!

“Dindinha uma vez dissera que alegria é um “sol brilhante dentro do coração”. E que o sol iluminava tudo de felicidade. Se era verdade, o meu sol dentro do peito embelezava tudo ...”

José Mauro de Vasconcelos (1968)

## RESUMO

Despertar o interesse pela leitura e promover experiências de leitura literária em sala de aula, que sejam bem recebidas pelos alunos, é um desafio que as escolas enfrentam há muito tempo. Várias são as dificuldades encontradas ao desenvolver projetos voltados para esse fim. Cientes da importância da contribuição que a literatura pode trazer para o indivíduo aluno, e posteriormente, para o cidadão atuante na sociedade, propomos o desenvolvimento de uma experiência literária para os anos finais do ensino fundamental, a partir da leitura da narrativa infantojuvenil, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Para isso, utilizaremos a sequência básica de Cosson, aliada às atividades gamificadas. A literatura na escola precisa alcançar o espaço e os objetivos pretendidos quando pensamos em formar leitores proficientes. Muitos são os entraves encontrados no que concerne ao desenvolvimento de atividades literárias em sala de aula. A gamificação foi pensada para essa pesquisa com o objetivo de promover e estimular espaços de interação, discussão e partilha. Manter a atenção e o interesse dos alunos durante todo o processo é o grande desafio das atividades que envolvem a leitura de livros, por essa razão precisamos de estratégias engajadoras e envolventes. Além dos estudos de Cosson (2016), sobre letramento literário, utilizaremos os estudos de Colomer (2003), Saraiva (2006), Lajolo (2001/2018), como pressupostos teóricos sobre a narrativa infantojuvenil e a literatura na escola; as pesquisas de Alves (2015) e Fardo (2014) sobre gamificação.

**Palavras-chave:** Letramento literário. Narrativa infantojuvenil. Ensino. Leitura. Gamificação.

## ABSTRACT

Awakening interest in Reading and promoting literacy Reading experiences in the classroom, that they are well received by students, is a challenge that schools have faced for a long time. There are several difficulties encountered When developing projects aimed at this purpose. Aware of the importance of the contribution that literature can bring to the student, and later, active Citizen in Society, we propose the development of a literacy experience with the reading for the final years of elementary school of the narrative for children and young people, *O meu pé de laranja lima*, by José Mauro de Vasconcelos. For this, we will use the basic sequence of Cosson, combined with the gamified activities. Literature at Scholl needs to reach the intended space and objectives When we think about forming proficient readers. There are many barriers found at the heart of the development of literacy activities in the classroom. Gamification was designed for this research with the aim of promoting and simulating Spaces for interaction, discussion and sharing. Keeping attention of the students and interest throughout the process is the great challenge of activities that involve books Reading, for this reason we need engaging strategies. According to Cosson (2016) studies on literacy Reading, we will use studies by Colomer (2003), Saraiva (2006), as theoretical assumptions about narratives of children and literature at school, research by Alves (2015) and Fardo (2014) on gamification.

**Keywords:** Literacy Reading. Children and Young narrative. Teaching. Reading. Gamification.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Principais diferenças entre gamificação e games .....	44
----------	---	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	À espera. (óleo sobre tela. 70X50. 2019) .....	54
Figura 2	Tempo de brincar. (óleo sobre tela. 90X50. 2019) .....	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA</b> .....	16
2.1 Breves considerações sobre o conceito de literatura .....	18
2.2 O ensino de literatura e suas implicações .....	21
2.3 O que orientam os documentos oficiais .....	27
2.4 O Letramento Literário .....	31
<b>3 A NARRATIVA INFANTOJUVENIL</b> .....	35
3.1 Os clássicos e a leitura de literatura na perspectiva do ensino fundamental .....	36
<b>4 A GAMIFICAÇÃO E A APRENDIZAGEM</b> .....	41
4.1 A Gamificação X Games .....	46
4.2 A motivação e a gamificação .....	50
<b>5 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E UMA EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO</b> .....	54
5.1 Proposta de intervenção .....	55
5.1.1 A motivação – primeiro passo da sequência .....	56
5.1.2 Introdução – segundo passo da sequência .....	57
5.1.3. Leitura – terceiro passo da sequência .....	58
5.1.4 - Interpretação – quarto passo da sequência .....	60
5.2 Os intervalos e a gamificação .....	63
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72
<b>APÊNDICE</b> .....	75

## 1 INTRODUÇÃO

Muito discutimos sobre a importância da literatura na escola, no entanto, no cotidiano escolar, a leitura literária não tem tido espaço nas práticas de sala de aula. Observamos, comumente, o texto literário aparecer em trechos trazidos em livros didáticos como pretexto para atividades referentes à gramática, à ortografia, ou a outro aspecto não literário. As atividades com a literatura na escola, muitas vezes, resultam em registros feitos pelos alunos com informações que comprovem sua leitura. Também é comum buscar nesses textos somente as características do gênero ao qual pertencem, como por exemplo, a identificação do tipo de narrativa, dos elementos que a compõem. Pretendemos trazer contribuições para o desenvolvimento de atividades literárias que aconteçam com foco no texto literário, na sua linguagem, na sua capacidade de dialogar com diferentes pessoas de maneira singular. São experiências assim que desejamos que estejam cada vez mais presentes nas escolas.

Compreendemos que a experiência de leitura integral de narrativas literárias pode promover e despertar interesse e apreço pela literatura, principalmente tendo o professor acompanhado esse caminho. A leitura literária chega de forma particular e única para cada indivíduo, mas consideramos importante, no que se refere aos alunos do ensino fundamental, nesse encontro leitor/obra literária, a interferência da escola, no sentido de guiar e acompanhar a leitura para que ela possa fazer sentido e não seja deixada de lado nos primeiros obstáculos, seja de incompreensão ou falta de interesse pela obra, por exemplo.

O texto integral, ao contrário de fragmentos, comumente encontrado em livros didáticos, nos permite a experiência completa diante de uma obra. Especificamente, para essa pesquisa, propomos a leitura de uma narrativa infantojuvenil. A leitura na íntegra, permite que o leitor tenha o seu encontro pessoal com aquela obra, quando ela está sendo lida.

A força do texto literário, com sua linguagem potente, fala aos leitores de forma singular. Consideramos importante que a escola se proponha a trazer essa experiência para sala de aula, tendo em vista que aquele que está iniciando leituras de narrativas mais longas, em que é comum a presença de muitos personagens, diferentes ambientações e fatos ocorrendo em uma mesma narrativa, pode confundir personagens e acontecimentos, e isso pode provocar rejeição a obra.

Apresentar o texto literário de forma atraente é um desafio que professores têm enfrentado. Problemas de ordem estrutural, como falta de um ambiente agradável para leitura ou de uma pessoa responsável pelas bibliotecas, que muitas vezes estão fechadas e empoeiradas, retratam a realidade de muitas escolas. Além disso, é cada vez menos comum, espaços de

formação para os professores refletirem sobre a prática docente com esse propósito. Por outro lado, são muitos os relatos que apontam e chamam a atenção para o desinteresse e rejeição dos alunos à leitura literária, frustrando os profissionais que tentam atrair e envolver os discentes em atividades literárias.

Alunos que não gostam de ler e não parecem estar dispostos a se tornarem leitores, professores desestimulados e a ausência de projetos contínuos que coloquem a leitura como prática e não só como tópico de conversas, são alguns dos problemas que observamos no contexto escolar.

Propomos uma experiência literária em que o aluno irá conhecer, imergir e refletir sobre a obra. Prática que entendemos vir a contribuir amplamente para o desenvolvimento do aluno enquanto estudante e principalmente como ser social.

Cosson (2016) aponta para a importância do letramento literário no processo educativo e a promoção de atividades que vão além da simples leitura e ajude a formar um cidadão proficiente para atuar em um mundo de vastas linguagens.

Experimentar e imergir em obras literárias vai muito além de apenas um ato prazeroso, vai nos ajudar a entender melhor os outros e a nós mesmos e conseqüentemente contribuir para podermos fazer escolhas e viver melhor na sociedade a qual fazemos parte, além de proporcionar o conhecimento de diferentes culturas.

Podemos perceber que as contribuições que a leitura literária proporciona, não se limitam apenas a melhorar a escrita dos alunos ou ensinar sobre interpretação, vocabulário, por exemplo. Ela reflete um determinado tempo que pode ser o passado, futuro ou até mesmo o presente do leitor que o descobre em suas mãos.

Diante disso, nossa pesquisa tem como objetivo geral propor o desenvolvimento de uma experiência literária com a leitura do texto integral da narrativa infantojuvenil, para turmas dos anos finais do Ensino fundamental. E como objetivos específicos: apresentar a narrativa infantojuvenil, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos; aplicar as estratégias de *games*, como instrumento motivador durante a leitura da narrativa; ler a narrativa infantojuvenil *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, seguindo a sequência básica de Cosson (2016), aliada as estratégias da gamificação e produzir um caderno pedagógico com procedimentos para o letramento literário.

A escolha da obra, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, lançado em 1968, dá-se tendo em vista sua relevância para a literatura nacional, sua linguagem, o contexto a qual está inserida, trazendo temas e abordagens que fazem muito sentido para o público escolhido para a leitura dessa obra, alunos de escola pública dos anos finais do ensino

fundamental com experiências de vida que lembram, ou se assemelham, a vida de Zezé, personagem principal da narrativa e inspirado na própria infância do autor.

As mudanças no comportamento da sociedade conferem transformações em todos os campos da vida humana. A escola, também é esse lugar, de transformação e adequação. Em nossa pesquisa, trazemos a gamificação como elemento motivador. A inclusão de recursos e estratégias de envolvimento que a gamificação promove, são elementos que podem trazer contribuições para o envolvimento efetivo dos discentes no cotidiano escolar, a fim da promoção de práticas de leitura literária em sala de aula, com continuidade e compartilhamento de experiências individuais diante de uma obra lida coletivamente.

A pesquisa é de natureza descritiva, de abordagem qualitativa que propõe contribuir através de uma proposta de experiência com o trabalho da literatura em sala de aula. Além desta Introdução, o capítulo seguinte da dissertação apresenta considerações sobre a literatura, o ensino e o letramento literário; o terceiro capítulo versa sobre a narrativa infantil e juvenil, seguido das considerações sobre a gamificação e a aprendizagem; o quinto capítulo, por sua vez, apresenta a proposta de intervenção e finalizamos a dissertação com as conclusões e as referências. O desenvolvimento de um caderno pedagógico, exposto no apêndice da dissertação, foi pensado na perspectiva de auxiliar os professores de Língua Portuguesa com foco em experiências de leitura literária baseadas na sequência básica de Cosson (2016) e aliadas às estratégias da gamificação.

## 2 O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA

É inegável a importância da literatura na formação do indivíduo e a escola tem papel fundamental de oportunizar sua leitura desde os anos iniciais. Assim, reflexões acerca da formação do leitor literário, na escola, estão comumente presentes no discurso e diálogos docentes na escola contemporânea. Estamos buscando, ainda de forma tímida, ações que visam alcançar esse fim, formar leitores. Mas, relatos de práticas em torno da formação de leitores literários não têm sido animadores. Sobre a formação de leitores e as práticas escolares, Rezende ressalta que,

Um dos jargões mais frequentes na escola é o de “formar leitores”. Ora, mas que leitor? Leitor que não lê literatura, que tem contato com simulacros ou com chavões da história literária? Na perspectiva tradicional de formação do leitor, caberia ao ensino fundamental “despertar o gosto” e, ao ensino médio, um aprendizado sobre a execução das obras e sobre a história literária. (REZENDE, 2013, p. 109)

Muito tem se falado sobre literatura na escola, a partir de fragmentos de textos, frases motivacionais e comentários que mostram os benefícios da leitura. Tais práticas nascem com a intenção de estimular e colocar a literatura em pauta, observamos que o efeito, geralmente é o contrário, os alunos demonstram cada vez mais distanciamento às obras literárias. Observamos que, para uma grande parcela, entre os interesses dos alunos, a leitura literária não faz parte. Eles dizem não gostar de ler, sem muitas vezes nem ter passado pela experiência.

Momentos dedicados à leitura com fruição e imersão na narrativa, muitas vezes, ocupa pouco espaço na escola; em detrimento ao que é exigido no currículo da série/ano, a leitura literária é deixada de lado, e pensamos que aí possa estar uma possível questão sobre o desconhecimento e o desprazer de ler, observado em nossos alunos.

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto, como possibilidade – não se encontra na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa. (REZENDE, 2013, p. 111)

Corroboramos com Rezende e observamos que frequentemente, as práticas que envolvem a leitura literária com imersão na obra são deixadas de lado a favor das análises da forma, dos tipos e características de personagens e conhecimento sobre o gênero textual. Essas são algumas das abordagens mais comuns que o trabalho com a literatura exige que o aluno conheça, comprovação a partir das atividades. Esta comprovação de que a leitura de fato aconteceu tem elevado destaque nas atividades atribuídas aos alunos. A proposta de leitura é

geralmente indicada juntamente com um número de perguntas que ao final da leitura o aluno deverá registrar na intenção de que atestem que o texto narrativo foi lido.

Desse modo, quando o professor determina a leitura de obras literárias, sua primeira ação parece ser a de comprovação da leitura, ou seja, conferir se o aluno leu efetivamente o texto. Depois, ele busca ampliar essa primeira leitura para outras abordagens que envolvem a crítica literária e outras relações com o texto, o aluno e a sociedade. Esses dois movimentos estão instintivamente corretos, mas precisam ser organizados. É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2016, p. 46)

O autor ressalta que buscar comprovação da leitura do texto, trazer abordagens críticas e instigar relações pessoais e sociais a partir do texto, não está errado, mas a sistematização das ações precisa estar organizada e definida para a promoção de práticas significativas. Corroboramos com o autor e pensamos que o trabalho com o texto literário pode ir além da pretensão de usá-lo como base para outros ensinamentos, sem necessariamente nos determos ao que o texto tem a nos dizer. Concordamos que entre tantos momentos, os quais o texto literário permeia na sala de aula, é comum e ao nosso ver, não tido como problema, caso esse não seja o único e principal papel do texto literário na escola.

Nessa perspectiva, é importante salientar que ao observar o comportamento da escola, especificamente nos anos finais do ensino fundamental, percebemos que o tratamento dado a literatura é geralmente voltado para fins de ensinamentos vários, alheios e despreocupados com a experiência da leitura literária. Mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que consideramos viável e importante que o texto literário também tenha outros fins, além daquele a que se propõe primordialmente, que é a expressão de saberes e sentimentos com base em diferentes linguagens e formas.

Dessa forma, o que defendemos é uma constância maior de experiências de leitura literária que permitam o encontro do aluno com a obra literária, a fim de que seja possível a partir dessas experiências em sala de aula, permitir e preparar o leitor para a interação com os diversos textos que ele verá na escola, além de suas escolhas pessoais.

Outro ponto a considerar é a interação texto-leitor.

por ignorar a interação texto-leitor, o docente substitui a leitura como prática significativa por exercícios centrados no reconhecimento de informações, impedindo, assim, que os alunos participem da descoberta do real que o poder imagético do texto desencadeia e do prazer da exploração dos recursos da linguagem que todo texto estético mobiliza. (SARAIVA, 2006, p. 27)

A compreensão da importância da interação texto-leitor é essencial para uma prática docente literária fundamentada na consciência do poder transformador promovido pela leitura. Conscientes da capacidade que a literatura tem de falar sobre o mundo e sobre nós mesmos, e de que ela vai além das análises que não destacam a essência do texto, pretendemos contribuir com alternativas de trabalho com o livro literário nessa perspectiva, partindo do texto, observando e valorizando as diferentes leituras de uma mesma obra, o ponto de vista, a reflexão de cada leitor, e, a partir daí, fortalecer a experiência literária no chão da escola.

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim. (TODOROV, 2020, p. 31)

O sentido da obra precisa ocupar esse lugar de prestígio, que Todorov nos fala, não podemos nos afastar dessa missão. A escola é esse lugar, o lugar de promover o encontro completo, intenso e desbravador entre o texto literário e o aluno.

A escola tem como função social promover uma formação integral do indivíduo. Sendo assim, é importante, constantemente, acompanhar as transformações e visitar nossas convicções a respeito do ensino e aprendizagem, a fim de não perder de vista essa missão tão importante e preciosa para a geração que estamos formando e para as futuras.

A literatura tem um papel de grande relevância no que cerne acompanhar as mudanças e transformações da sociedade. Ela nos permite visitar o passado e o futuro correlacionados ao presente, trazendo para a contemporaneidade olhares que se fundem e se completam em cada momento que é visitada ou revisitada.

Assim, iniciamos nosso trabalho conscientes dessa missão a qual temos papel fundamental, ensinar literatura nas escolas. E ao utilizar esse termo – ensinar literatura – já nos colocamos a refletir, sobre ensino e sobre literatura e os significados que essas palavras carregam.

## **2.1 Breves considerações sobre o conceito de literatura**

Discutir sobre o ensino de literatura na escola e a formação de leitores nos faz pensar primeiramente sobre o conceito de literatura e sobre as mudanças, percepções e posicionamentos que atravessam gerações. A construção da identidade de uma geração é percebida, sentida e observada na vida cotidiana, na linguagem. E aqui destacamos a literatura que carrega essas marcas de maneira singular. Então, pensar em conceituar literatura, é pensar

em diferentes épocas e diferentes concepções que se modificam, se ampliam e surgem com o passar do tempo.

Para Lajolo (2021), não temos um conceito único e acabado sobre literatura. A autora fala da complexidade de responder e apresentar apenas uma resposta para a pergunta: o que é literatura? Para ela, os conceitos de literatura mudam e se diferenciam entre grupos sociais distintos e em diferentes épocas.

Lajolo (2018), ao dialogar com o leitor sobre o que seria literatura, aponta o quão complexo é apresentar uma resposta a esse questionamento. Para ilustrar o quanto é densa e complexa a resposta, a autora faz referência a Mário de Andrade ao demonstrar sua profunda irritação em ter que responder o que seria e o que não seria conto, citando trechos do autor encontrado em *Vestida de Preto* (1939 e 1943). Conforme ele “conto é tudo aquilo que o autor chamar de conto”.

Com esse desabafo de Mário de Andrade, percebemos que há muito essas discussões vêm sendo colocadas em pauta e dividindo opinião sobre o que seria e o que não seria literatura, nesse caso apresentado anteriormente, especificamente o que seria conto. Percebemos também que para alguns autores, assim como Mário de Andrade demonstra em sua fala, há uma certa irritação em precisar apresentar conceitos que justifiquem e coloquem sua arte dentro de uma espécie de nicho.

Para Candido (2002), a literatura está colocada na sociedade de forma universal. Assim, todos em algum momento terão contato com essa manifestação artística que atravessa gerações. O autor coloca a literatura em um lugar abrangente tanto em relação as produções quanto em relação ao alcance. Ainda de acordo com o autor, todos os homens de todos os tempos, terão esse contato com a arte literária. Assim, a literatura é uma manifestação universal, e sendo uma manifestação universal, não é possível passar sem que tenhamos algum contato, alguma experiência literária.

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que, chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 174-5, 2002)

As definições acerca da literatura têm provocado muitas reflexões e esse conceito, como vimos é amplo, vasto, ampliado, transformado. Ao ponto que a sociedade muda, novos desafios,

novas perspectivas surgem, assim como o entendimento do que é literário, também vai se renovando.

Dalvi (2013) apresenta uma visão da literatura que, para a autora, nunca fez parte do centro da educação escolar, uma literatura,

(próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e humorada, à paródia, à contextualização individual e histórica com manejo dos recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais -, inserida no mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos). (DALVI, 2013, p. 77)

Como pudemos observar, são muitas as características atribuídas por Dalvi à literatura. Concluimos que muito tem a se dizer sobre a literatura e que ela tem o poder de transformação na vida dos indivíduos, mas que a escola e, conseqüentemente, a sociedade ainda tem um longo caminho a percorrer para vivenciar uma realidade escolar reconhecida pela presença efetiva da literatura em seu cotidiano.

A literatura, é justamente, uma poderosa mediadora entre diferentes culturas, função que hoje em dia, num mundo globalizado pela informação e pelos deslocamentos humanos, é mais do que nunca oportuna. (...) Por ser criação de significados a partir de dados da realidade, a obra literária, diferentemente dos textos verbais apenas comunicativos, diz algo em determinada forma, mais complexa, mais rica, mais ambígua. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 77)

A autora reflete sobre a literatura como mediadora de diferentes culturas. Acreditamos que esse seja um dos aspectos fundamentais que a torna necessária, principalmente pelas mudanças que a globalização provoca no cotidiano e no comportamento humano.

Corroboramos com a autora ao considerar a literatura poderosa, ao passo que possibilita o conhecimento e reconhecimento de diferentes culturas. Esse pensamento acerca da literatura nos guia para abordagens literárias acerca dos vastos significados que o texto literário nos oferece. Sua linguagem, de acordo com Perrone-Moisés (2006) fala muito sobre o momento de escrita e o momento que está sendo lida.

A literatura fala muito sobre nós, sobre pessoas que se encontram a partir de suas semelhanças e diferenças. É oportuno, ao nosso ver, procurar usufruir de tudo que a literatura pode oferecer, especialmente no que se refere as reflexões que contribuam para o diferente ter voz e espaço de respeito.

Outro aspecto da literatura nos é apontado, em 1977, em uma aula inaugural no Colégio de França, por Barthes (2013, p. 18). Para ele, “A literatura assume muitos saberes” e que ela

faz girar esses saberes, “não fixa, não fetichiza, nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto, é precioso”.

A literatura fala da realidade de forma a provocar reflexões, emoções e comportamentos diante daquilo que nos rodeia, que nos pertence e principalmente, daquilo que desconhecemos, e a partir dela podemos acessar, refletir e construir um pensamento aberto e amplo sobre as diferentes pessoas e diferentes formas de viver.

Assim como Barthes, concordamos com a premissa de que a literatura é fonte de “muitos saberes” e o mais fascinante da literatura é a forma como esses saberes perpassam a obra literária proporcionando ao leitor, ao longo da leitura de uma narrativa, da declamação de um poema, de uma apresentação teatral, por exemplo, adquirir saberes que vão além do que está escrito. As nuances da linguagem literária permitem falar além dos registros gráficos.

## **2.2 O ensino de literatura e suas implicações**

São primordiais estudos, pesquisas e interação entre aqueles que buscam aprimorar e alcançar bons resultados no trabalho com o texto literário na escola, tendo em vista que a relação texto/leitor/autor na contemporaneidade não é a mesma de gerações anteriores. As discussões acerca do que seja literatura existe e permanecerá como ponto de discussão porque as mudanças que acompanham a sociedade se manifestam também no texto e no fazer literário. Assim é nossa responsabilidade acompanhar e espelhar discussões que nos fazem refletir e entender a relação escola/ensino/literatura.

Entendemos que discussões acerca de práticas de ensino de literatura precisam fazer parte constantemente de pautas, a fim de serem renovadas, ampliadas e efetivadas na contemporaneidade. Para que assim, todas as gerações possam usufruir de uma experiência literária capaz de transformar e melhorar a nós mesmos e o lugar do qual fazemos parte.

Nas escolas do nosso país, o ensino de literatura está fortemente ligado ao ensino da historicidade literária, notadamente presente no ensino médio. Esse modo de ver o ensino de literatura carrega em si a impressão equivocada de que o ensino de literatura é apenas e tão somente, repassar o contexto histórico de produções literárias ao longo do tempo. Pensando na relação da literatura com os anos finais do Ensino Fundamental, esse cenário é diferente. A escola reconhece a importância da literatura, mas na maioria das vezes, o que observamos é o trabalho com a literatura barrado e/ou vencido pelas limitações, ou pela falta de espaço para pensar sobre práticas voltadas para esse fim. É importante situar as produções literárias em

tempo e espaço, assim como encontramos no currículo dos últimos anos do Ensino básico, no entanto, sem perder de vista a relevância do trabalho com o texto, com a leitura propriamente dita.

Ensinar a ler, lendo; estabelecer uma relação de proximidade do aluno com os livros; permitir a aceitação ou rejeição de determinada obra, independentemente de sua presença entre cânones, e ao mesmo tempo, preparar esse aluno para a etapa seguinte, é primordial e precisamos pensar mais sobre isso para que um dia o ensino fundamental possa ser apontado como esse lugar, o lugar onde o aluno tem o encontro com a literatura, para posteriormente, estudar e entender sua historicidade.

Não é simples desenvolver um trabalho que tenha como foco a formação de leitores. Falar que a leitura literária é importante e essencial na formação do cidadão é fácil, tornar isso possível, alcançar esse objetivo é desafiador. Mas seguimos experimentando formas, alargando discussões, propiciando experiências, a fim de que um dia possamos ver os livros nas mãos dos alunos não só dentro das escolas, mas fora dela também. Temos um papel social, enquanto educadores, de máxima relevância, que é a formação humana. Então, não podemos desistir, mesmo mediante tantas dificuldades.

Não é simples tratar da formação de leitores. Também não é simples abordar o texto literário em suas nuances e em seu consumo. A discussão sobre o que é o literário permanece inconclusa, e aqui tocarei apenas a ponta do iceberg, considerando que a literatura possa ser o que Maria Teresa Andruetto (2012) propõe: “A escrita é um modo de ordenar o mundo, e é a forma como as palavras se entrelaçam que dá textura à língua”. É essa textura que me interessa, essa textura inexplicada e que fala à nossa sensibilidade. (RIBEIRO, 2021, p. 77)

O autor supracitado nos fala das dificuldades que emanam da construção do leitor literário na perspectiva de uma leitura que fale à nossa sensibilidade e nos aponta um desafio necessário a ser enfrentado, proporcionar experiências literárias que transformem o ato de ler, saindo de atividades mecânicas e desestimulantes de leitura de literatura para uma experiência única e intensa.

Quando pensamos em leitura literária e a presença dela no cenário escolar, é importante pensar que para ler literatura, primeiramente é necessário aprender a fazer a leitura de todos os elementos que a compõem, como imagens e palavras. As dificuldades que emanam em tornar o hábito de ler, algo prazeroso e contínuo, preocupam escolas e academias e vem ao longo dos anos sendo discutidas e pesquisadas, a fim de encontrarmos possíveis caminhos para o tão almejado florescer da prática leitora. Machado (2011) chama atenção para a ausência de um ambiente leitor no meio familiar e nos lembra que a alfabetização em nosso país aconteceu

tardamente. Por conseguinte, as consequências dessa falta de acesso à educação a todos os cidadãos brasileiros são observadas até hoje em escolas de todo país e respondem a alguns entraves que tornam o acesso e a procura por leitura literária algo que não faz parte da rotina da grande maioria dos estudantes e consequentemente dos indivíduos de um modo geral.

A alfabetização entre nós chegou muito tarde. Na imensa maioria das casas brasileiras, a capacidade de ler é conquista de uma ou duas gerações mais recentes. No máximo, três. Afinal de contas, apenas há pouquíssimo tempo conseguimos que 98% das crianças em idade escolar tivessem condições de acesso às salas de aula. (MACHADO, p. 14, 2011)

Embora esse percentual seja elevado, boa parte das famílias brasileiras não têm intimidade com os livros e essa constatação nos leva a entender o quanto a escola se torna necessária e importante na construção de uma relação íntima entre alunos e livros. Haja vista que, ao estimular a vivência com os livros, e esta, ao se consolidar, a mudança não acontecerá somente no ambiente escolar, mas também, no familiar.

A leitura literária permite ao leitor diferentes experiências que poderão tirá-lo do seu próprio mundo para outros, ocasionando enxergar outras possibilidades, outros meios, outras culturas, outros povos, e a partir dela sair transformado. Nessa perspectiva, Machado afirma que:

Na leitura de literatura se estabelece um pacto inconsciente entre o texto e o leitor, em que este é levado a suspender sua descrença e a embarcar num mundo de outro tipo, numa outra dimensão, que não é a de sua realidade cotidiana, mas ajuda a iluminá-la. Depois da leitura, o leitor volta a essa realidade transformado. Tal efeito não se consegue apenas com uma atitude passiva, mas com um trabalho mental e imaginário ativo, intenso, por vezes dificultoso: a atividade intelectual que permite a construção imaginária simultânea de outros roteiros possíveis, paralelos ao que se está lendo. (MACHADO 2011, p. 20)

Ainda trazendo questionamentos sobre esse leitor que queremos formar e quais posturas ele assume, entendemos que, ao longo do tempo, as concepções sobre o que seria um leitor competente têm assumido diferentes olhares e significados.

o que significa ser um leitor literário competente em nossa sociedade? Esse cidadão que se espera ter formado ao fim do período escolar já não é alguém que possua alguns conhecimentos informativos sobre a literatura, tal como se depreendia da caricatura a que se havia reduzido o modelo patrimonial e historicista; mas tampouco alguém que tivesse adquirido um aparato instrumental adequado para uma análise textual própria da função de um leitor profissional especializado, tal como pareceriam indicar os modelos surgidos na década de 1970, que entronizaram o “comentário do texto”. Como víamos, o leitor competente se havia definido a partir de diferentes perspectivas como aquele que sabe “construir um sentido” nas obras lidas. E, para fazê-lo, deve desenvolver uma competência específica e possuir alguns conhecimentos determinados que tornem possível sua interpretação no seio de uma cultura. (COLOMER, 2007, 30-31)

Percebemos que nesse caminho temporal apresentado acima pela autora, o leitor competente é definido por diferentes vieses e para que se forme esse leitor, ele deve conseguir construir um sentido para um texto com base em competências específicas que atendem a possibilidade de compreender e interpretar situações em determinado tempo e cultura.

Ainda de acordo com a autora, pensar em formar leitores competentes é pensar em formar um indivíduo social, capaz de reconhecer a humanidade a partir da linguagem construída ao longo do tempo.

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, 31)

Dessa forma, concordamos com a relevância de ter práticas literárias alinhadas à experiência de leitura. Colomer (2007) traz uma reflexão sobre as aulas de literatura, fazendo uma analogia ao que se espera de uma aula de música no intuito de ensinar a tocar um instrumento. Ela nos lembra que não se aprende a tocar um instrumento se não houver a prática, o aprendiz de música, aprende a tocar um instrumento, tocando. Assim, compreendemos que o ensino de literatura precisa também ser acompanhado da prática de leitura na escola. Para uma experiência literária, não é suficiente apenas falar sobre literatura, por exemplo apontando benefícios e caminhos a seguir, acreditando que isso é suficiente para formar leitores. Acreditamos, assim como a autora, que a leitura literária precisa permear o ambiente escolar.

Cada professor escolherá a porta pela qual ele introduzirá o aluno na obra literária, e seu ensino será eficiente se ele conseguir mostrar que a grande obra tem inúmeras portas. Levar o aluno a melhor entender o que a obra diz é tanto abrir seus significados quanto mostrar como eles são criados, na linguagem do autor. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 81)

As escolhas literárias levadas para a sala de aula, geralmente partem dos professores. Nesse sentido, consideramos importante que a escolha das obras, esteja alinhada a faixa etária dos alunos, principalmente ao nos voltarmos para o ensino fundamental, segmento da educação básica, em que comumente, práticas de leitura literária não fazem parte do cotidiano doméstico desses alunos. Geralmente é na escola a primeira experiência literária desses alunos na posição de leitores.

Destacamos a importância da escolha literária, levando em consideração não só a idade, mas, além disso, a falta de maturidade leitora desses alunos, para que eles possam acompanhar e desfrutar a obra lida e posteriormente ter condições para leituras mais densas.

Ler uma obra literária vai além da decodificação das palavras. É necessário levar esse aluno iniciante da leitura literária perceber que a leitura de uma narrativa é diferente da leitura que se faz de uma receita, de uma notícia jornalística, de um aviso, por exemplo. No campo literário, há nuances e exigências que de acordo com a postura do leitor diante de uma obra pode passar despercebida. O professor tem papel fundamental nesse sentido, primeiramente na escolha adequada para cada momento do leitor, tendo em vista sua experiência ou in experiência leitora, e principalmente na sua evolução enquanto leitor, apresentando autores e grandes obras que são primordiais no campo literário.

O distanciamento que há entre a literatura e os estudantes, especialmente, alunos dos anos finais do ensino fundamental, é comumente destacado no discurso dos docentes. A relação dos estudantes com os livros é uma relação de desinteresse e previsibilidade negativa. É comum, ouvir de alunos frases como - Esse livro é chato. - Não gosto desse livro. No entanto, estão apenas expressando a impressão que têm com base na previsibilidade e postura assumida diante de obras literárias, mesmo sem conhecê-las. O que leva os alunos a tecer julgamentos como esses as obras literárias? Qual o papel da escola diante desse questionamento? É papel da escola preparar os discentes para as leituras da vida, no seu sentido mais amplo. Sobre esse aspecto, com relação ao papel da escola, Lajolo aponta que,

O espaço escolar é um espaço no qual textos têm uma circulação, programada, experimental. Acredito que as experiências de leitura que a escola deve proporcionar precisam ter como objetivo capacitar os alunos para que, fora da escola, lidem competentemente com a imprevisibilidade das situações de leitura (no sentido amplo e no restrito da expressão) exigidas pela vida social. (LAJOLO, 2009, p. 105)

Ler com competência é algo a ser ensinado na escola. A autora chama a atenção para o papel da escola em preparar o aluno para lidar com proficiência com as diversas situações de leitura e com a imprevisibilidade das exigências sociais. Na literatura, a leitura de um texto envolve o contexto de escrita e o contexto de leitura. É um encontro e a escola assume o papel mediadora para que esse encontro entre escritor e leitor aconteça. Segundo Lajolo (2009), as histórias dos envolvidos com a literatura, se entrelaçam.

São atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na interseção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor. (LAJOLO, 2009, p. 104)

Dessa forma, para Lajolo (2009) cabe à escola a apresentação do texto a partir do contexto em que foi produzido, da sua circulação e ainda da sua leitura. Sobre isso, a autora aponta o que seria uma possível falha em relação ao uso do texto em sala de aula. De acordo com ela,

[...] talvez os equívocos de trabalhos escolares com texto residam no *apagamento* desse contexto. É esta noção de *contexto* que permite recuperar a dimensão coletiva da escrita e da leitura, bem como é nela que se abrigam as diferentes leituras que um texto recebe ao longo de sua história, da história de seu autor e da história de seus leitores. (LAJOLO, 2009, p. 108)

Os equívocos observados no trabalho escolar, evidenciados pela autora retratam o que ela chama de apagamento desse contexto, causando o distanciamento entre autor e leitor. Consideramos esse um ponto relevante a ser considerado, pois, a compreensão e envolvimento do leitor iniciante, público maior da nossa pesquisa, tendo em vista, ser esse o perfil de aluno encontrado nas turmas de ensino fundamental de escolas públicas brasileiras, alunos que não trazem relatos de experiências de leitura literária, tendem a ser prejudicados sem que haja a intervenção do professor em dimensionar o contexto de produção e leitura da obra apresentada aos alunos.

Dessa forma, chamamos a atenção para importância do planejamento docente e para a necessidade de planejar com base em conhecimentos e evidências de trabalhos educacionais promissores. O compartilhamento de experiências entre docentes, os estudos e pesquisas são essenciais para resultados promissores na educação. Além disso, ter consciência e ciência das normas e orientações registrados nos documentos oficiais educacionais é basilar, no que se refere ao planejamento e o desenvolvimento de ações que visem a formação integral dos estudantes.

Conscientes da necessidade de conhecer e aplicar na escola as orientações e normas pedagógicas presentes nos documentos que regem a educação brasileira, destacamos no próximo tópico recortes de aspectos que se referem ao tratamento da literatura em sala de aula.

Sobre o que foi colocado em relação à conduta da escola com base nos documentos oficiais, o estudo e as discussões têm caráter essencial e basilar para práticas docentes que conversem com as exigências e necessidades da contemporaneidade. As instituições de ensino têm discutido sobre literatura? Como acontecem essas discussões? Elas acontecem de forma profunda ou encontramos apenas diálogos superficiais em pautas de encontros pedagógicos? Estamos atentos às mudanças e às transformações da sociedade? Questionamentos assim são necessários para podermos entender o lugar que estamos, e a partir dessas observações e

constatações, redirecionar nossa prática e poder transformar e ressignificar a forma como a literatura estará presente em sala de aula.

### 2.3 O que orientam os documentos oficiais

Os documentos oficiais que ao longo dos anos vem norteando e direcionando os passos da educação em nosso país, são importantes e necessários. Eles sinalizam a preocupação com o ensino e a necessidade de revisitar saberes e práticas em busca de uma aprendizagem significativa.

Em 1998, a educação brasileira é contemplada com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Com intuito de garantir uma escola que se volte para a formação do cidadão, sua elaboração considerou a necessidade de construir referências comuns ao processo educativo, sem deixar de respeitar as diversidades de nosso país. Um documento que nos orienta, nos apresenta um norte em busca de práticas educativas que conversem entre si, mesmo em um país de extensão continental como é o Brasil.

Com relação ao texto literário, os PCN trazem o seguinte conceito:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26)

Nesse trecho do documento há a intenção de apresentar ao professor do ensino fundamental, destinatário do documento, esclarecimentos acerca do que seria ou não o texto literário. No entanto, percebemos que a discussão não se aprofunda, é pouco desenvolvida ao longo do texto dos PCN.

Dessa forma, podemos notar que o conceito apresentado na citação sobre *texto literário*, é muito geral e, possivelmente, necessitará de outras fontes para ser mais bem compreendido

No trecho seguinte, outras especificidades são ressaltadas:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27)

Nesse ponto, o documento destaca a necessidade do tratamento em relação ao texto literário, tanto oral, quanto escrito, a partir da sua própria construção, de sua própria linguagem. Assim, segundo os autores equívocos evidenciados nas escolas ao utilizar o texto literário como pretexto para outros fins, a exemplo, usar o texto literário, para abordagens gramaticais, entre outros aspectos, tão comumente presentes na escola. Corroboramos com os autores ao mencionar que tais práticas não contribuem para a formação de leitores.

Ao usar o texto literário como pretexto para outras questões que não estão voltadas para o próprio texto e sim para questões diversas, fica evidente que o objetivo da presença desse texto em sala de aula não é o de formar leitores. O documento chama nossa atenção em relação a esse leitor que precisa ser estimulado em sala de aula, que necessita da experiência da leitura literária imersiva em seu texto, em sua linguagem e sentidos.

Tais abordagens merecem muito a nossa atenção pois nos permite refletir e pensar em uma abordagem mais profunda para discussão desse comportamento frente ao texto literário.

Fazemos ressalvas cerca da pouca profundidade em alguns momentos no documento, mas não deixamos de ressaltar o quanto essas orientações e os documentos oficiais se fazem necessários e importantes para a construção de práticas educativas, conscientes, eficientes e interligadas.

Com relação à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o documento mais atual do fazer pedagógico na escola, diferentemente dos PCN, que trazia orientações, tem caráter normativo, assim sendo, é compreendido como normas que devem ser seguidas e cumpridas.

No componente curricular de Língua Portuguesa, o documento apresenta os seguintes campos de atuação para os anos finais do Ensino Fundamental: campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.

Sobre esses campos de atuação, o documento faz as seguintes ressalvas:

A escolha por esses campos, de um conjunto maior, deu-se por se entender que eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar, uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública; uma formação estética, vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos. (BRASIL, 2018, p. 84)

A escolha desses campos se justifica pela necessidade de preparar o indivíduo para atuar em atividades fora e dentro da escola, contemplando através das práticas e habilidades sugeridas

para cada campo de atuação a apropriação do uso da linguagem de forma ampla. Contribuindo assim, para a formação de cidadãos preparados para fazer uso de diferentes linguagens e atuar efetivamente em vários campos do conhecimento.

No que compete ao trabalho com a literatura nos anos finais, objeto de pesquisa de nosso trabalho, a BNCC traz o campo artístico-literário apontando a necessidade da continuação de práticas literárias iniciadas nos anos iniciais do ensino Fundamental e destacando para essa etapa a necessidade da formação de um leitor-fruidor, evidenciando a condição estética da literatura.

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 138)

Corroboramos com o pensamento de que a literatura assim colocada no ambiente escolar assume o caráter humanizador, transformador e mobilizador, do qual a BNCC menciona.

Sobre as competências específicas de Língua Portuguesa, trazemos para acrescentar e justificar nossa pesquisa os tópicos, 7, 8 e 9, que remetem ao que se pretende desenvolver no campo artístico-literário. Vejamos:

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018, p. 87)

Entre as 10 competências específicas, destacamos essas três para essa pesquisa, concordando com sua relevância, mas sem deixar de registrar os empecilhos e obstáculos enfrentados por profissionais da educação para sua efetiva realização e desenvolvimento. Consideramos muito importante que estes pontos estejam presentes no documento, a fim de provocar reflexões, discussões e experimentações para que se alcance os propósitos do documento que destaca a necessidade de envolver o aluno em práticas de leitura, explicita a

importância do leitor literário, chama a atenção para o desenvolvimento da fruição e a estética literária. O leitor-fruidor, constantemente colocado no documento é um sujeito capaz “de se implicar na leitura dos textos, de ‘desvendar’ suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura”. (BRASIL, 2018)

De acordo com a BNCC, as habilidades necessárias para a formação literária envolvem: Conhecimento de gêneros narrativos e poéticos; a polifonia própria das narrativas, a capacidade de relacionar textos, percebendo os efeitos de sentido que resultam da intertextualidade e dessa polifonia, resultante das diferentes vozes do texto e, por fim, é ressaltada:

a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2018, p. 139)

Para os desafios que o trabalho com a literatura apresenta, é necessário um olhar mais atento e imersivo para que se efetive objetivos necessários e urgentes e, ao mesmo tempo, complexos e desafiadores, como é formar na escola um *leitor-fruidor*.

Ainda sobre as habilidades, sobre o que se pretende desenvolver e o que compete ao campo artístico-literário, a BNCC ressalta:

A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida.

Aqui também a diversidade deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra.

Compete ainda a este campo o desenvolvimento das práticas orais, tanto aquelas relacionadas à produção de textos em gêneros literários e artísticos diversos quanto as que se prestam à apreciação e ao compartilhamento e envolvam a seleção do que ler/ouvir/assistir e o exercício da indicação, da crítica, da recriação e do diálogo, por meio de diferentes práticas e gêneros, que devem ser explorados ao longo dos anos. (BRASIL, 2018, p. 157)

São muitas as nuances que o texto literário pode assumir. Conhecer suas especificações, é um primeiro passo de um caminho longo a ser percorrido de estudos, pesquisas, aplicações e observações para o sucesso com o trabalho literário na escola.

A leitura literária, ao nosso ver, pode e precisa ser vista não apenas como prazerosa e fruída, ao modo que, se manifesta e chega nas pessoas de diferentes maneiras, podendo causar desconfortos durante seu processo e despertar sensações e emoções diversas em diferentes indivíduos, e inclusive, nos mesmos indivíduos em diferentes momentos da vida. Uma mesma obra pode provocar leitores distintos de maneiras distintas. O encontro entre leitura e leitor é único, e aqui entendemos a importância de oportunizar ainda na adolescência o encontro de alunos dos anos finais do ensino fundamental com narrativas literárias, especialmente, as narrativas canônicas que talvez, para muitos, só seja possível na escola.

A experiência literária é única, individual e enriquecedora. Entre outros ganhos, ela aproxima o leitor de diferentes mundos, mas a simples leitura não promove o letramento literário do indivíduo que recebe uma indicação de leitura ou a faz por conta própria sem se conectar com o texto. Par isso, a escola precisa buscar meios de promover o letramento literário de seu alunado e o primeiro passo é se debruçar sobre teorias e relatos de experiências a fim de encontrar estratégias que alcancem e sua realidade e fomentem práticas literárias consistentes e que se adequem a cada contexto.

## **2.4 O Letramento Literário**

Encontrar caminhos que procurem incluir e envolver os participantes em atividades com a literatura é o objetivo que pretendemos alcançar. A exemplo, Cosson (2016), apresenta sugestões de atividades sistematizadas que ele nomeia como sequência básica e sequência expandida, possibilidades que ele nos apresenta como modelo, como exemplos norteadores, mas não definitivos no que tange ao trabalho com a literatura.

Há muito ouvimos falar sobre letramentos, multiletramentos, e ainda letramento literário, que nos é apresentado por Graça Paulino e Rildo Cosson, o qual é definido por eles “como processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67) Os autores destacam duas palavras nesse conceito: processo e apropriação. Ao usar a palavra processo, entende-se que é algo contínuo e transformador que não tem início na escola e que também não termina nela. E apropriação, assim como a palavra sugere, é entendida como ato de se apropriar, no caso, se apropriar da literatura e a partir daí, transformar a literatura. Para os autores, a construção de sentidos que emana da leitura de uma obra literária é uma experiência única e estes sentidos se apresentam de maneiras distinta e singular para cada leitor.

O letramento tem sido pauta de muitas discussões ao longo dos últimos anos. Pensar em letramento literário é pensar em abrir as cortinas para o imenso e impressionante mundo da linguagem. É oportunizar a vivência, a inclusão nesse universo. Mas, não é a leitura simples que nos revela tudo o que a linguagem literária pode nos oferecer. De acordo com Cosson,

A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2016, p. 29-30)

Assim, o mundo da linguagem precisa ser desbravado e cabe à escola promover situações em que isto seja possível. Precisamos sair da condição de simples leitores para leitores letrados, proficientes, envolvidos, inseridos no que chamamos, letramento literário.

Há uma urgência em encontrar caminhos possíveis para letrar literariamente os indivíduos, especialmente para aqueles que estão envolvidos com a educação, os atores do processo educacional. Falar da importância da leitura sem ler, estimular a leitura cotidiana, sem que essa não seja sua rotina, aponta para um fracasso anunciado, já que sem a vivência literária, possivelmente não se conseguirá envolver, encantar e atrair leitores.

No intuito de apresentar um caminho para uma prática de leitura literária desenvolvida na escola, Cosson (2016) propõe uma sequência de atividades que ele nomeia Sequência Básica, sequência que consiste nos seguintes passos: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. Destacaremos, a seguir, uma breve apresentação de cada um desses passos.

A *motivação* consiste em preparar o leitor para a leitura literária, Cosson (2016), fala da importância de aproximar o aluno da obra que será lida. Esta é uma etapa importante e merece atenção e conhecimento da obra para que desde o início o professor possa construir uma relação de proximidade, confiança e segurança em relação ao que será colocado nos passos seguintes. No entanto, a motivação pode seguir o tratamento da temática da obra selecionada ou outro caminho para alcançar o objetivo inicial, que é motivar o aluno para a leitura.

Em seguida, temos na sequência básica a *introdução* que é a apresentação da obra e do autor. A sugestão é que sejam apresentadas informações básicas sobre o autor. Nesse momento, são apresentadas informações gerais sobre a obra e o autor, sem maiores detalhamentos.

A etapa seguinte é a *leitura*, e nesse ponto chama-se a atenção para a necessidade de acompanhar essa leitura, que dependendo do tamanho da obra pode acontecer completamente

na escola, em casa ou parte na escola e parte em casa, ou em outro ambiente propício à leitura. O autor coloca o acompanhamento da leitura em um lugar de destaque, quando a coloca como essencial para essa etapa do letramento literário, mas esclarece que acompanhar não deve ser confundido com policiar essa leitura, acompanhar é estar atento as necessidades e dificuldades que porventura venham surgir ao longo do processo para poder ajudar e tornar o ritmo da leitura propício. As pausas serão importantes, por exemplo, para dialogar sobre a obra e perceber possíveis lacunas de compreensão, a recepção da obra para cada aluno, suas impressões, entre outros aspectos, que se tornam únicos a cada experiência de leitura em sala de aula. Essas pausas, Cosson chama de intervalos. Sobre os intervalos, o autor ressalta que,

Já os intervalos, que constituem as atividades específicas, podem ser de natureza variada. Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como uma focalização sobre o tema da leitura e permitindo que se teçam aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto. Também pode ser a leitura conjunta de um capítulo ou trecho de capítulo para ser trabalhado estilisticamente em microanálise de recursos expressivos que interessem ao professor e aos alunos destacar. (COSSON, 2016, p. 63)

Como vimos, os intervalos são essenciais para o processo de leitura. E podem variar de acordo com as necessidades de professores e alunos. Além disso, eles não necessariamente, precisam limitar-se a obra selecionada, lida em conjunto. Outros textos que possam estar relacionados, assim como, outras mídias, imagens, ou seja, poderão ser somadas a esses momentos no intuito de enriquecê-los e aproximá-los mais da obra literária em questão. Esses intervalos são principalmente importantes para textos grandes, em casos assim, o autor aponta a necessidade da divisão da leitura em partes, sendo sugerido que aconteça parte na escola e parte em ambientes extraescolares.

E por fim, ao término da leitura, temos o último tópico da sequência básica que é a *interpretação*. A *interpretação*, no primeiro momento, tem como ápice a compreensão geral da obra, que vai sendo construída durante toda a leitura. Essa compreensão acontece de forma individualizada e tem muita relação com o momento de leitura de cada um. O momento externo é aquele que os sentidos são dados à obra de acordo com a vivência do leitor. Quem é esse leitor no momento da leitura, vai influenciar e interferir nas diferentes visões em relação a mesma obra.

Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória. (Cosson (2016, p. 65).

Nesta etapa, o aluno apresentará sua interpretação em relação a obra concluída. Ao finalizar a leitura, o texto literário é vislumbrado nas diferentes vozes que leram aquela obra igual e ao mesmo tempo única para cada indivíduo envolvido.

Pensar em leitura literária, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, é pensar em um ambiente de leitores que na maioria das vezes só vivenciam experiências literárias na escola. Daí, a importância da instituição escolar na formação desse aluno. Dessa forma, também é compromisso da escola apresentar a estes alunos as obras canônicas nacionais e universais. Obras que possivelmente só terão espaço na escola para serem visitadas e reconhecidas. E assim, continuar atravessando o tempo e chegando a diferentes gerações.

### 3 A NARRATIVA INFANTOJUVENIL

A força e alcance da linguagem literária é algo precioso. Ler para as crianças na escola, desde os primeiros anos, e manter nos anos seguintes práticas que permitam a continuidade do contato com a literatura, permite que os discentes desfrutem de todos os benefícios que momentos assim proporcionam, além de contribuir para a formação de leitores autônomos que farão suas próprias escolhas. Acreditamos que esse é o objetivo maior da escola. Contudo, o trabalho com o texto literário na escola não é fácil. São muitos os entraves e dúvidas que surgem antes e durante as aulas voltadas para o campo literário na educação básica, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental, público de nossa pesquisa. É nessa fase que podemos conquistar leitores, ajudá-los a descobrir suas preferências, formar pessoas apaixonadas por livros, por poesia, por narrativas. Mas, se a literatura não for apresentada a estes alunos, talvez nunca se reconheçam assim, talvez nunca possam experimentar o universo contagiante da linguagem literária.

A literatura infantojuvenil ocupa um lugar importantíssimo nesse cenário. Ela é o elo para a formação de leitores, e a escola não pode perder esses futuros leitores. Entender a importância e a função dessa literatura é primordial para o desenvolvimento de práticas que caminhem para essa conquista.

O destinatário da literatura infantil e juvenil de qualidade pode definir-se, em primeiro lugar, como um leitor criança ou adolescente, que aprende socialmente e a quem se dirigem textos, que pretendem favorecer sua educação social através de uma proposta de valores, de modelos de relação social e de interpretação ordenada do mundo. E, em segundo lugar, como um leitor infantil ou adolescente, que aprende uma forma cultural codificada – a literatura -, e a quem se dirigem alguns textos, que ultrapassam algumas formas fixadas do imaginário, algumas formas narrativas com tradição de uso literário, uma avaliação estética do mundo e um uso especial da linguagem. (COLOMER, 2003, p. 173)

Promover essa experiência de leitura, a esse leitor criança ou adolescente, propicia, entre outros, a aprendizagem social e cultural a partir dos livros e precisa fazer parte do cotidiano escolar, para termos esse leitor de qualidade, do qual Colomer fala.

De acordo com Colomer (2017), o olhar que o adulto assume diante da literatura infantojuvenil influencia suas práticas. Essa literatura pode ser vista como pretexto para ensinar regras e comportamentos ou promover discussões de temas, por exemplo.

Sobre a importância da literatura infantojuvenil, a autora apresenta as três principais funções desse tipo de texto.

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade. 2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário. 3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (COLOMER, 2017, p. 20)

Vemos que a literatura infantojuvenil permite ir muito além do tratamento de temas e instruções de comportamento. Ela nos permite conhecer e desenvolver habilidades de observação, reflexão em relação a diferentes momentos sociais, além de permitir esse olhar abrangente, articulado com as práticas sociais das novas gerações.

A literatura infanto-juvenil oferece uma mina de obras de qualidade para essa [sic] aprendizagem da leitura literária. Há um grande número de obras nesse domínio – álbuns, romances, peças de teatro – cujas feições correspondem às grandes obras da literatura contemporânea. A leitura dessas obras tende a criar um horizonte de expectativas nos alunos. (ROUXEL, 2013, p. 27)

Diante da riqueza literária oferecida pela literatura infanto-juvenil, aproximar os discentes desses textos amplia seus horizontes. A escola é o lugar propício para esse encontro. A leitura literária na escola é essencial para formação do leitor literário.

### **3.1 Os clássicos e a leitura de literatura na perspectiva do ensino fundamental**

Destacamos a importância da presença dos clássicos literários nessa fase da vida humana – a infância e a adolescência. A escola precisa estar comprometida em estimular e promover esse encontro, o encontro de gerações através da leitura.

Promover o encontro dos discentes com obras grandiosas ainda em tenra idade, prepara esse aluno para descobertas e experiências únicas. Além disso, possibilita que ao reler o mesmo clássico em idade adulta, ou em outro momento da vida, seja possível perceber como uma mesma obra literária pode propiciar percepções diferentes no mesmo indivíduo. Destacamos o poder da literatura em falar as pessoas de diferentes formas, em diferentes momentos da vida.

A atenção e percepção de crianças e adolescentes, fase comum a alunos do ensino fundamental, nessa faixa etária apresenta-se ainda em construção na sua maior parte, causando talvez a impressão de que as experiências literárias levadas a esse público não tenham o alcance desejado, e não se justifiquem. Conforme Calvino (2007, p. 10)

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude.

Para o autor, a leitura da juventude, muitas vezes parecem esquecidas em nossa memória. Embora pouco ou nada fiquem guardados daquela obra lida em outrora. Na releitura há um reencontro, percebendo-se a semente deixada em uma primeira leitura em tempos passados.

O autor ainda evidencia a necessidade de revisitar obras lidas na juventude, tendo em vista, a importância de ter um novo encontro com uma obra que não é desconhecida, mas que possivelmente trará novas descobertas.

Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. (CALVINO, 2007, p. 11)

No entanto, na escola, os clássicos da literatura infantojuvenil mais presentes nos anos iniciais do ensino fundamental vão sendo deixados de lado nos anos finais, dando lugar aos conhecimentos específicos da disciplina exigidos no currículo de cada série/ano e sequenciado nos livros didáticos. Ressaltamos a relevância que esses conteúdos são necessários e não devem ser deixados de lado, mas salientamos que a literatura precisa ao mesmo tempo estar presente no cotidiano escolar em todas as fases do ensino fundamental. Calvino (2007), ao falar sobre a leitura de clássicos, diz da importância de ler por amor e não por obrigação, mas ressalta e chama a atenção da escola como lugar com a obrigação de levar e promover a leitura e o conhecimento de um certo número de obras clássicas, pois assim, no futuro, os alunos leitores da escola poderão escolher na idade adulta os seus clássicos, os clássicos de sua vida.

Oportunizar na escola o contato com a linguagem de uma obra clássica, com as provocações e reflexões presentes no texto literário, pode trazer uma luz e estímulo para futuras leituras e/ou releituras do estudante em tempos de escola e principalmente fora dela.

Outro aspecto que consideramos relevante é destacar a importância de conhecer o texto literário a partir de sua leitura, não é só conhecer a narrativa, a história que cada livro conta, facilmente encontrada em resumos e resenhas, mas viver a experiência da leitura de um clássico e acompanhar a magia e a dança envolvente das palavras.

Conhecer a história ou saber o final de um romance jamais substitui essa experiência, tanto que continuamos a ler obras cujos “segredos” são amplamente conhecidos. O que nos leva a ler um clássico, por exemplo, é a experiência estética que ele proporciona e não simplesmente a história que conta” (COSSON, 2016, p. 63)

Há um consenso acerca da importância da literatura na formação escolar e pessoal do aluno, em especial da importância de ter acesso as grandes obras da literatura. No entanto, práticas de leitura literária na escola ainda não estão consolidadas e não fazem parte do cotidiano de grande parte das escolas de nosso país. É importante refletir cada vez mais sobre o papel da escola e oportunizar a experiência da leitura de clássicos em todas as fases do ensino.

A presença do professor leitor no processo de disseminação de aulas dedicadas à leitura de obras literárias na escola é essencial para alavancar práticas literárias conscientes e consistentes, pois é muito comum pensar a literatura na escola, muitas vezes, somente como apenas uma leitura deleite, leitura para interpretação e preenchimento de questionários, sem que haja espaço de compartilhamento de sensações e provocações atribuídas as obras lidas. Ao citar o professor nesse processo de apresentar os clássicos para os alunos, Rouxel, (2013), aponta a importância de que o professor é “um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula.” Além disso,

Sua ética profissional, o impede de expor sem mediação sua própria leitura: é preciso efetuar acomodações (no sentido óptico e fotográfico de termo) e antecipar as dificuldades dos alunos. É preciso também renunciar a algumas singularidades de sua leitura pessoal. De todo, modo, diante de um público mais velho não se exclui a possibilidade de compartilhar sua leitura, sem, contudo, impô-la. (ROUXEL, 2013, p. 29)

Dalvi (2013, p. 74) aponta como um dos problemas, “a adoção acrítica do discurso do “ler por prazer”, que privilegia uma função hedonista para a literatura.” Para a autora, entre outras coisas, essa visão de que a leitura precisa ser prazerosa, conseqüentemente provoca a falsa sensação de que é “errado” ensinar e aprender literatura.

Corroboramos com a autora, ao ponto que a nosso ver, a disseminação de um pensamento pautado na ideia da leitura prazerosa, e somente isso, pode trazer equívocos e limitações, relativos as escolhas de obras, ao tempo dedicado às práticas literárias, e ainda, a falsa impressão de que o momento de leitura é apenas um momento para descontração e lazer.

O contato com a leitura de clássicos é uma experiência, ao nosso ver, primordial para a escola. Para as crianças, os textos clássicos permitem o contato com temas, sensações, aventuras, através de uma linguagem potente.

Um clássico é um livro que, ao nível da criança, de sua experiência e de sua compreensão, trata de maneira eficiente de acontecimentos importantes da existência humana: o nascimento e a morte, a amizade e o ódio, a fidelidade e a traição, a justiça e a injustiça, a dúvida e a certeza. É um livro que inventa uma grande aventura, uma situação cheia de perigos, que a criança vai viver com intensidade. (PATTE, 2012, p. 150)

Encontrar livros que guardam em si o frescor, mesmo escrito há muitos anos, nos permite reconhecer sentimentos e comportamentos de uma época distante e ao mesmo tempo muito atual em suas temáticas, e isso nos encanta, nos aproxima. Durante a leitura, nos tornamos pertencentes àquele momento e, de repente, nos encontramos em outra época, observando experiências vívidas e atemporais. Tais ponderações nos lembram a importância do trabalho com os textos clássicos, textos que resistem ao tempo e continuam atuais mesmo depois de longos anos. Patte (2012) nos lembra do aspecto atemporal de um clássico, do quanto é atual e pertencente ao leitor de diferentes épocas: “Apropriar-se de um texto é viver a experiência do outro. Então, o passado torna-se presente, o distante se faz próximo. Por sua capacidade inata de se identificar com o outro, a criança leitora é múltipla; ela é, ao mesmo tempo, o príncipe e o pobre” (PATTE, p. 155, 2012). A criança pode ser múltipla segundo a autora, e a ponte para desfrutar dessa experiência é o texto literário.

Entre algumas comunidades africanas, quando um narrador chega ao final de uma história, põe a palma da mão no chão e diz: *aqui deixo minha história para que outro a leve*. Cada final é um começo, uma história que nasce outra vez, um novo livro. Assim se abraçam quem fala e quem escuta, num jogo que sempre recomeça e que tem como princípio condutor o desejo de nos encontrarmos alguma vez completos nas palavras que lemos ou escrevemos, encontrar isso que somos e que, com palavras, é construído. (ANDRUETTO, 2012, p. 15)

Queremos, assim como as comunidades africanas citadas pela autora, ao terminar uma história, desejar que outros a levem consigo e recomecem novas. Encontrar nas palavras o que somos e o que vai sendo construído pelas palavras.

A possibilidade de ter uma visão expandida do mundo e de usufruir de tantos outros benefícios que a leitura literária pode promover, já nos remete ao lugar de excelência que ela ocupa. A literatura contribui na formação do cidadão, na formação do sujeito social.

O que o leitor oferece ao texto e o último lhe devolve: a revitalização do mundo ficcional em troca de um conhecimento que o posiciona mais adequadamente na sua circunstância. Consequentemente, a leitura enquanto tarefa de deciframento implica uma interpretação do texto e do modo escondido atrás dele, retornando o circuito para o sujeito, na medida em que isto significa uma liberação de preconceitos. (ZILBERMAN, 1987, p. 79)

Essa interação entre sujeito e literatura contribui com formação integral do sujeito, pois esse é liberado de preconceitos, é revitalizado através do ficcional para o real.

Acessar culturas e momentos diferentes de diversas civilizações nos ajuda a refletir sobre a nossa. Esta é uma função muito importante para a formação de cidadãos conscientes, críticos, abertos às diferenças e atuantes em seu meio e momento social.

O contato com a literatura permite-nos vivenciar experiências - humana, estética, linguística, política. Por isso, cabe à escola, não só falar sobre, mas promover o encontro do texto literário com os discentes. Tendo em vista que o encontro com muitas obras, especialmente os cânones, que não são alvo do mercado editorial, talvez não cheguem às mãos dos alunos senão por intermédio da escola. Conscientes de que muitas obras, ou seja, muitos encontros, possivelmente só acontecerão por meio das instituições de ensino, reforçamos a urgência de se aproximar cada vez mais desse público, que assim como a sociedade em geral, está em constante transformação para, dessa forma, viabilizar caminhos e encontros literários agradáveis e desejados.

## 4 A GAMIFICAÇÃO E A APRENDIZAGEM

Atentos aos avanços e as profundas transformações que são vislumbradas na contemporaneidade, especialmente ao que confere o acesso às informações, não podemos fechar os olhos e manter as práticas de outrora. No cenário educacional, é necessário que estejamos atentos e abertos às mudanças. A inclusão de metodologias que tenham maior alcance e prestígio entre os discentes, sem deixar de lado os objetivos almejados, são recursos que não podemos descartar. Inserir em nossos planejamentos práticas inovadoras e engajadoras, pode estimular, garantir a atenção e disposição dos alunos para determinados momentos de aprendizagem. Lançar mão de novas ferramentas e metodologias são caminhos a serem pensados e colocados em prática na tentativa de melhor resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Podemos fazer uso de recursos que estão disponíveis e acessíveis para poder ressignificar práticas, aproximar os envolvidos, diminuir o distanciamento evidenciado no cotidiano escolar, como também dos alunos com a literatura.

Pensando nisso, e especialmente observando o comportamento dos estudantes de modo geral, é notória a dedicação e envolvimento com os jogos eletrônicos. A dedicação dispensada para atingir metas e avançar em fases que se tornam mais desafiadoras, conforme evoluem, retratam bem o comportamento atual. Os jogadores conseguem se articular, traçar metas, cumprir prazos, tudo de forma espontânea e engajada. Os criadores de games fazem uso de estratégias que garantem a permanência e desejo do jogador de querer sempre voltar àquela atividade.

Não podemos fechar os olhos para esse comportamento. Ele faz parte da nossa realidade e representa um público que busca muito além de entretenimento, é um público que busca nos games desafios, superação, recompensas. Pensando sobre o poder das estratégias traçadas para manter os jogadores dispostos e entusiasmados, sugerimos a inclusão de estratégias similares no ambiente educacional. Se há uma queixa geral em relação a desmotivação dos alunos para as atividades do cotidiano escolar, precisamos encontrar meios para atrair a atenção dos alunos, encontrar meios de trazer para a escola atividades que façam com que se sintam da mesma forma como nos games, desafiados e motivados a seguir sempre em frente, em busca da vitória. E assim, garantir sua efetiva participação e engajamento em determinadas atividades.

Encontramos na gamificação uma entre tantas outras possibilidades de estimular e aproximar o aluno da aprendizagem. Muita teoria já foi desenvolvida no intuito de aplicar as estratégias da gamificação no meio empresarial, no entanto, nosso foco será a aplicação dessas

teorias voltadas para o ensino e aprendizagem, para a escola ou qualquer outra instituição que busque esse fim.

Trataremos aqui da gamificação voltada para práticas educacionais, reforçando que estudos e pesquisas dessa natureza ainda são recentes e o que pretendemos é apontar um caminho, como já mencionamos, diante do que já conhecemos sobre a gamificação, embora tenhamos consciência que muito mais poderá ser acrescentado e ampliado em nossa pesquisa. Conforme a evolução e transformação da sociedade e ao surgimento de novos recursos, novos horizontes surgem, novos experimentos, que renovam teorias e ou inovam práticas e concepções.

Conversaremos com alguns teóricos que compartilham conceitos, apontam caminhos e evidenciam as vantagens que a inclusão das estratégias de gamificação podem oferecer não só no meio empresarial, mas a outros destinatários.

Partimos da definição que Alves (2015, p. 98) nos traz sobre *gamification*, iniciando seu pensamento alertando para a premissa de que “gamification não é jogo”, e sim, é a utilização de recursos dos games para engajar e motivar pessoas. De acordo com o autor, é importante termos clareza com relação ao que seja gamificação, para que, ao pormos em prática, ou seja, ao inserirmos as atividades gamificadas para o fim que almejamos, possamos alcançar aquilo a que se propõe e se espera dessa estratégia: o engajamento de pessoas, a motivação, a resolução de problemas e a promoção da aprendizagem.

Destacamos a motivação como possivelmente o ponto de maior interesse, quando pensamos em trazer para o ambiente de aprendizagem as atividades gamificadas. Pessoas motivadas desenvolvem tarefas com dedicação e são impulsionadas a ultrapassar barreiras, a vencer desafios.

Sobre motivação, Alves, aponta sua importância no que se refere à aprendizagem,

Motivação (do latim moveres, mover) em psicologia e também em outras ciências humanas é a condição do organismo que influencia a direção do comportamento, a orientação para o objetivo e, por isso, está relacionada a um impulso que leva à ação. Ela é por isso de extrema importância para o *Gamification* e consequentemente para soluções de aprendizagem *gamificadas*. (ALVES, 2015, p. 56)

O conceito que Alves levanta sobre a motivação apresenta aspectos que consideramos pertinentes: influenciar, orientar e impulsionar. A gamificação, em nossa pesquisa, assume essas características.

Motivar, principalmente, quando estamos lidando com tarefas desafiadoras é essencial para o sucesso da atividade. Em nossa pesquisa, além desse propósito motivador, as atividades

gamificadas serão grandes aliadas ao que se refere o acompanhamento dos intervalos de leitura, momentos de discussões e trocas de experiências.

Karl Kapp (2014) apresenta a definição acerca da gamificação no livro, *The Gamification of Learning and Instruction: Game based methods and strategies for training and education*, que está em consonância sobre o que pretendemos com a gamificação e aprendizagem. Para ele, é possível engajar e motivar pessoas através da mecânica, estética e pensamento com base nos games, o que ele define como gamification.

Em termos de aprendizagem, quando pensamos em gamification estamos em busca da produção de experiências que sejam engajadoras e que mantenham os jogadores focados em sua essência para aprenderem algo que impacte positivamente a sua performance. (ALVES, 2015, p.41)

No cenário apontado por Alves, a gamificação engaja e mantém jogadores focados. Pensando no aspecto educacional, o impacto apontado pelo autor pode impulsionar e impactar também o estudante em sala de aula. Aspecto importante quando se pensa em um cenário de desmotivação para aprendizagem e especialmente para a leitura literária, foco dessa pesquisa.

Nosso propósito é promover a aprendizagem e por isso elegi esta definição. Muitos dos elementos dos *games* são baseados em psicologia educacional e muitas coisas os professores já têm feito ao longo dos anos, como por exemplo oferecer *feedback* (correção de exercícios), a grande diferença é que o *Gamification* acrescenta uma nova camada de interesse ao trazer todos estes elementos juntos e acrescentar a eles a diversão. (ALVES, 2015, p. 28)

O autor compreende a forte relação da gamificação com a aprendizagem e observa no contexto educacional elementos presentes nos games como o *feedback*, por exemplo. Para ele, a gamificação e a aprendizagem estão diretamente relacionadas. Ao corroborar com o pensamento do autor, nossa pesquisa pretende usufruir da gamificação aliada a aprendizagem no contexto educacional, mais especificamente, na literatura, acompanhando e estimulando todo o processo de leitura de uma narrativa literária.

Compreendemos que a gamificação pode ser aplicada de diferentes formas e em diferentes contextos de aprendizagem. A aprendizagem é um processo, muitas vezes, enfadonho e cansativo e a gamificação pode contribuir muito para tornar esse processo mais atraente.

Sobre isso, Burke (2015) aponta uma solução:

A solução está em quebrar o processo de aprendizado em pequenas etapas, de modo que cada passo amplie as habilidades do jogador, mas se mantenha dentro de sua capacidade de assimilação. Somente assim ela conseguirá completar a jornada e alcançar seus objetivos. Embora existam inúmeras variações no modo como a gamificação é aplicada ao processo de aprendizagem, os passos comumente aplicados incluem: definir objetivos; dividir o processo em etapas; verificar interdependências; criar ciclos de engajamento entre teoria e prática; recrutar mentores e colaboradores; celebrar o processo". (BURKE, 2015, p. 59)

Burke (2015) volta-se para um público que não é o educacional, mas suas contribuições sobre a gamificação, no propósito de desenvolver habilidades e ajudar pessoas a terem sucesso naquilo que se propõem a fazer podem trazer ricas contribuições que poderão ser incorporadas ao contexto educacional. Vejamos o que ele aponta como solução para pessoas alcançarem êxito:

O autor ressalta a importância da divisão do processo de aprendizagem em etapas e ao citar os passos mais comumente utilizados para resultados exitosos, percebemos alguns aspectos em comum com o proposto por Cosson (2016), em seus estudos sobre letramento literário e as sequências sugeridas pelo autor para o trabalho com a leitura literária na escola. Cosson, em seus estudos, também chama a atenção para a necessidade da divisão de etapas, trazendo os intervalos de leitura como parte importante do processo. Essas pausas para acompanhar a leitura, sugeridas pelo autor supracitado permite aos leitores a oportunidade de apresentar seus pensamentos, suas inferências, suas conclusões e contribuir com o processo de leitura de forma efetiva e participativa.

Com base nessas teorias, percebemos que esse leitor ou colaborador não serão apenas ouvintes ou telespectadores, eles serão autores do processo. Fazemos esse paralelo entre autores de diferentes áreas do conhecimento, a fim de podermos usufruir de suas teorias aliadas ao objetivo de estimular e melhorar as experiências de leitura literária em sala de aula. Corroboramos com Burke (2015) quando afirma que a gamificação e a aprendizagem estão intrinsicamente ligadas. Nessa perspectiva, consideramos importante manter o diálogo entre autores de diferentes campos do conhecimento, a fim de somar conhecimentos e, conseqüentemente, desenvolver projetos educacionais promissores.

Sobre como alcançar êxito no desenvolvimento de habilidades e conseqüentemente no processo de aprendizagem os autores supracitados ressaltam a importância de dividir o processo em etapas. Burke (2015), destaca os passos mais comuns utilizados ao aliar a gamificação a aprendizagem. Esses passos são a definição do objetivo; a divisão do processo em etapas; a verificação de interdependências; a criação de ciclos de engajamento entre teoria e prática; o recrutamento de mentores e colaboradores e a celebração do processo.

Encontramos em todas essas etapas a possibilidade de manter os participantes envolvidos até o final e garantir a permanência de todos do início ao fim do processo sem perder pessoas ao longo do caminho. Nessa perspectiva, a motivação para realização de tarefas é um aspecto relevante a ser observado em *gamers* e pessoas envolvidas em atividades gamificadas.

Para Fardo (2013), a gamificação aliada a educação pode romper o distanciamento que há entre os jovens e a escola

[...] o que a gamificação propõe é falar a língua dos indivíduos inseridos nesse contexto da cultura digital e dos games. É introduzir um método que vise romper com o abismo que muitas vezes se apresenta entre os jovens e as escolas, entre os aprendizes e o conhecimento, entre a diversão e o trabalho.” (FARDO, 2013, p. 96)

Consideramos pertinente, lançar mão de estratégias, elementos e linguagem pertencentes ao contexto da cultura digital, os quais nosso público-alvo está inserido, a fim de motivar e promover atividades bem-sucedidas no ambiente escolar.

Ao longo dos anos, percebemos que ao colocar em prática atividades de leitura literária, nos deparamos com muitos percalços e dúvidas. Compreendemos o quanto é desafiador envolver alunos em momentos de leitura em sala de aula. Assim como Fardo (2013), concordamos que a gamificação é uma alternativa promissora para ser inserida no contexto educacional e que a inserção de práticas engajadoras, que lembrem os ambientes virtuais, pode estimular, manter a atenção e a disposição para determinadas atividades que são comumente rejeitadas pelos alunos em sala de aula.

Se há uma queixa geral em relação a desmotivação dos discentes para as atividades do cotidiano escolar, precisamos encontrar caminhos para atrair a atenção dos alunos, encontrar meios de trazer para a escola atividades que façam com que se sintam da mesma forma como nos games, desafiados e motivados a seguir sempre em frente, e assim, garantir sua efetiva participação e engajamento nas atividades propostas.

Um aspecto ressaltado por Burke é que a relação da aprendizagem motivada por uma recompensa que trará satisfação ao aprendiz. No entanto, para Burke, (2015, p. 49)), “o aprendizado é às vezes mais difícil, em especial quando a gratificação pelo alcance do objetivo chega muito atrasada ... Passar anos na escola e na faculdade se preparando para uma carreira é um processo lento e difícil.”. Diante do exposto, é importante refletir sobre essas considerações, a fim de pensar em atividades que ofereçam recompensas logo após a uma ação executada e, dessa forma otimizar o processo de aprendizagem nas instituições escolares.

A gamificação, em nossa pesquisa, tem o pressuposto de trazer contribuições para o contexto escolar, no sentido de motivar a ação do docente e acompanhar as atividades de leitura de livros literários. Ademais, quando estamos lidando com tarefas desafiadoras como realizar a leitura literária em sala de aula, é essencial entender o processo e manter o interesse e desempenho dos alunos ativos para o sucesso da atividade. Além desse propósito motivador, as atividades gamificadas serão grandes aliadas no que se refere ao acompanhamento dos intervalos de leitura, momentos de discussões e trocas de experiências.

Consideramos pertinente citar Burke (2015), ao colocar a gamificação diretamente ligada à aprendizagem. Para ele, a gamificação e a aprendizagem são coisas que se encaixam naturalmente, estão diretamente relacionadas. É corroborando com esse pressuposto que pretendemos desenvolver habilidades, acompanhar processos, estimular, prestigiar e trazer resultados durante toda jornada de aprendizagem, mais especificamente, em todo o processo de leitura literária, que é a propositura dessa pesquisa. Burke volta-se para um público que não é o educacional, mas suas contribuições sobre a gamificação, com o propósito de desenvolver habilidades e ajudar pessoas a terem sucesso naquilo que se propõem fazer, podem trazer ricas contribuições que poderão ser incorporadas ao contexto escolar.

#### 4.1 A Gamificação X Games

Durante a pesquisa há um consenso entre os autores estudados em relação à diferenciação entre gamificação e games, embora sejam ligados por alguns aspectos, são coisas distintas. É conveniente dedicar um espaço para reforçarmos esse pressuposto e apontar aspectos que os fazem divergentes embora estejam relacionadas e fortemente ligadas até em sua aparência gráfica, causando a impressão de que os dois termos gamificação e games trata-se de jogos. Já vimos no decorrer da nossa discussão que a gamificação não é jogo. Alves (2015) elabora um quadro exibindo as diferenças entre os dois termos:

**Tabela 01** – Principais diferenças entre gamificação e games. (ALVES, 2015, p. 119-120)

<i>Games</i>	<i>Gamification</i>
Sistema fechado definido por regras e objetivos	Pode ser um sistema que apresenta tarefas com as quais se coleciona pontos ou recompensas.

A recompensa poder ser exclusivamente intrínseca, o que significa dizer que o jogo acontece pelo jogo.	Recompensa intrínseca poder ser uma opção e acontece com menos frequência, especialmente no campo da instrução.
O custo do desenvolvimento de um <i>game</i> em geral é alto e o desenvolvimento complexo.	Em geral é mais simples e menos custoso para desenvolver.
Perder é uma possibilidade.	Perder ou não perder ser possível dependendo do que se quer alcançar, uma vez que estamos em busca de motivar alguém para fazer algo específico ligado a um objetivo.
O conteúdo é formatado para moldar-se a uma história e cenas do jogo.	Características e estética de <i>games</i> são adicionadas sem alterações sensíveis de conteúdo.
É sempre voluntário, o jogador pode escolher jogar ou não jogar e ainda quando parar.	Quando utilizado como estratégia instrucional, jogar não é uma opção. É preciso pensar na atratividade para conseguir o engajamento mesmo não sendo voluntário.

O quadro com as principais diferenças entre *gamification* e *games* apontadas por Alves (2015), esclarece alguns pontos que podem causar dúvidas sobre os termos e como cada um deles se concretizam em uso.

A primeira diferença apontada pelo autor é sobre a forma como se apresentam em uso. Cada game tem suas próprias regras, as quais são colocadas em evidência para que os jogadores possam jogar. Enquanto isso, a gamificação é um sistema com tarefas recompensadas. No entanto, compreendemos que os games também recompensam seu jogador, mas o ponto diferencial, o qual o autor ressalta é o fato do game ser um sistema fechado com regras específicas, o que não acontece com a gamificação, as tarefas e regras são pensadas e planejadas conforme o objetivo a ser alcançado, podendo inclusive sofrer alterações durante o processo. A pessoa que escolhe uma solução gamificada para determinada aula ou propósito, escolhe as atividades de acordo com o que espera alcançar. As pessoas envolvidas em experiências gamificadas desfrutam de um caminho mais prazeroso para desenvolver determinada tarefa. As recompensas nos games, de acordo com autor, são comumente intrínsecas, ou seja, é resultado de um processo desejado. O jogador sente prazer durante todo o processo, ele deseja estar jogando e se envolve do início ao fim.

Por outro lado, na gamificação, o comportamento do envolvido está associado aos estímulos que são recebidos. Para Alves (2015, p. 58), “Quando o indivíduo envolvido em uma determinada situação recebe um *feedback* positivo tende a repetir o comportamento, a aprendizagem ocorre pelo reforço de um estímulo e podemos transportar essa conexão para nossa solução de atividade *gamificada*.” Como vimos, na gratificação, o externo tem grande influência no comportamento dos envolvidos. Desejar as recompensas não é, na maioria das vezes, algo intrínseco, como nos jogos, é fruto dos estímulos. Todo o processo é planejado e desenvolvido para garantir o desejo dos envolvidos em permanecer participando das atividades *gamificadas*. e chegar até o fim do processo para receber a recompensa final.

Outro aspecto evidenciado ao apresentar as diferenças se refere aos custos de desenvolvimento. Ao se tratar da criação de um game, o custo que envolve sua criação é geralmente bem alto. Atividades e experiências gamificadas, geralmente são simples de desenvolver e não são custosas.

Sobre as possibilidades de perder ou ganhar um jogo, na gamificação esses aspectos assumem um papel diferente. Perder ou ganhar na gamificação é indiferente, quando o mais importante é motivar a ação, levar os envolvidos a chegar ao fim do processo.

Na gamificação é somado ao conteúdo características e estéticas dos games sem que o conteúdo sofra maiores alterações. Nos games, o conteúdo é moldado para atender a história e as cenas do jogo.

O autor finaliza expondo o aspecto voluntário do jogador diante de um *game*, que tem em mãos a liberdade de escolher quando jogar, quando começar ou para de jogar, ou até mesmo não jogar. Não há uma obrigatoriedade. Na gamificação, a participação não é opcional. O caráter atrativo é fundamental para que o engajamento seja positivo, tendo em vista a participação não ser voluntária.

O autor ressalta essas diferenças para poder esclarecer pontos que resultam, muitas vezes, em uma equivocada confusão entre os termos *games* e *gamification*. E ainda reafirma que *gamification* e *games* são coisas distintas e diz que a gamificação não precisa ser algo difícil e complexo. Como também, não precisa necessariamente da tecnologia, podendo acontecer com ou sem ela. Além disso, para Alves (2015), a gamificação funciona como uma possibilidade de estratégia instrucional, o que ele chama de *design instrucional*. A pessoa envolvida vai sendo guiada para alcançar determinado objetivo.

O que temos é um importante aliado para fins educacionais. O cotidiano escolar exige com frequência que estejamos passando instruções para os alunos, e encontrar maneiras que tenham maior prestígio e alcance entre os educandos tende a contribuir com a aprendizagem de

forma significativa. Sobre a importância das estratégias de aprendizagem e como alcançar objetivos, de acordo com Alves, (2015), a *Gamification* é uma estratégia de aprendizagem onde a interação torna o processo mais divertido. No entanto, é necessário definir objetivos e estratégias como ponto de partida para que os resultados desejados em relação à aprendizagem se concretizem.

Ao contrário dos games, a gamificação não visa em geral influenciar a aprendizagem diretamente; em vez disso, seu objetivo é alterar o comportamento ou a atitude contextual de um aprendiz (como o envolvimento), o que, por sua vez, pode melhorar o ensino já existente como consequência daquela mudança comportamental ou atitudinal. Assim, os praticantes da gamificação na aprendizagem esperam que os atributos de game afetem um comportamento relacionado à aprendizagem que, por sua vez, afetará a aprendizagem de alguma forma. Ou seja, embora se possa afirmar que eles aprenderam com um jogo, geralmente não será válido dizer que eles aprenderam com a gamificação. O objetivo da gamificação, portanto, não pode ser substituir o material de ensino, mas melhorá-lo, pois, as características de games provocam mudanças no comportamento e em atitudes, e não diretamente no material de ensino. (SANTAELLA; NESTERIUK, 2018, p. 155)

Os autores supracitados mencionam um aspecto importante que diferencia a gamificação dos games com base nos objetivos de cada um deles. Eles chamam a atenção para o fato de que os games objetivam influenciar a aprendizagem, enquanto isso, a gamificação pretende mudar o comportamento do aprendiz, acrescentando a esse pressuposto que o objetivo da gamificação é melhorar o material de ensino e não o substituir por um game.

É latente a necessidade de desenvolver estratégias de aprendizagem no cenário escolar que cumpram com os objetivos traçados pela escola e professores. As estratégias de aprendizagem gamificadas aparecem como uma possibilidade de fomentar a aprendizagem, de desenvolver habilidades, de promover a aprendizagem, de motivar um público que encontra nos *games* estímulos para continuar procurando essa atividade diariamente, de forma espontânea.

Trazer para sala de aula experiências de *games* educacionais também pode ser válido e eficiente, o que já acontece nas salas de aula, muitas vezes, como auxílio para ampliar algum conhecimento específico. No entanto, nesse tópico da pesquisa, queremos destacar que a gamificação se apresenta de forma diferente dos *games*. Enquanto os games tem o caráter de apresentar um conteúdo de forma lúdica, a gamificação usa elementos e pensamentos dos *games* para gerar aprendizagem. Alves, (2015), lembra que a gamificação não se refere a construção de um *game*. Há muitos equívocos nesse sentido, de acordo com o autor a gamificação pode ser algo simples e cabe ainda acrescentar, que embora a gamificação não seja game, ela também pode ter o caráter de divertir os envolvidos, no sentido de promover movimentos que levem a aprendizagem e com o propósito de alcançar os resultados desejados. Nesse aspecto, Alves

(2015, p. 117), diz que “*Gamification* também é encontrar a diversão onde quer que ela esteja e gerar movimento que alcance resultados.” Esse movimento é pensado no propósito de chegar aonde queremos, ou seja, alcançar os resultados pretendidos.

## 4.2 A Motivação e a Gamificação

A procura por soluções para motivar a ação e o engajamento das pessoas vem sendo alvo de pesquisa em diferentes campos do conhecimento. Uma pessoa motivada tem a tendência de desenvolver e concluir suas ações dentro de um processo que a leve a se manter empenhada e satisfeita. Embora as pessoas sejam motivadas de diferentes formas e tenham interesses distintos, alguns elementos são comuns a determinados grupos. Como por exemplo, elementos utilizados para motivar crianças pequenas, não são os mesmos para motivador adultos.

Dessa forma, o que experimentamos como elemento motivador deve partir dessas observações. Observar o público-alvo, os interesses comuns que há entre o grupo que pretendemos desenvolver habilidades, apresentar conhecimentos e experiências. Para Alves (2015, p. 56) a motivação é “de extrema importância para o *Gamification* e conseqüentemente para soluções de aprendizagem *gamificada*”. Nessa esteira, o autor ainda aponta para as diferenças que há entre os tipos de motivação intrínseca e extrínseca.

A motivação intrínseca, para nós, em seus aspectos relacionados ao processo de aprendizagem, acontece quando o aprendiz quer aprender o que propomos, percebe a relevância da atividade proposta e desfruta do processo investigando, explorando e se engajando por conta própria, independente da existência de algum tipo de recompensa. (ALVES, 2015, p. 57)

Conforme o exposto, a motivação interna ou intrínseca proporciona ao aprendiz a satisfação em aprender independentemente de recompensas ao final do processo. A realização em aprender é suficiente para esse aprendiz. Por outro lado, a motivação extrínseca, é consequência do que acontece no ambiente externo. Para Alves (2015, p. 57), “O comportamento proveniente da motivação extrínseca acontece para que o indivíduo obtenha alguma recompensa ou evite uma determinada punição”.

A escola é o lugar onde podemos encontrar os diferentes tipos de motivação. No entanto, ao nosso ver, a motivação extrínseca tem espaço maior no cotidiano escolar. É comum o desenvolvimento de atividades escolares mediante vistos, notas, aprovação.

Conscientes da força impulsionadora que a motivação provoca naqueles que se dispõem a aprender algo ou naqueles que são encaminhados para a aprendizagem, consideramos

importante proporcionar momentos de aprendizagem lançando mão da motivação extrínseca e intrínseca.

Por conseguinte, a nossa proposta de leitura literária, regada por elementos do *gamification*, vai ao encontro do que expusemos sobre motivação extrínseca. Tendo em vista que todo o processo é acompanhado e recompensado a fim de levar os alunos a uma experiência de leitura literária agradável e principalmente significativa. Para Alves,

Quando o indivíduo envolvido em uma determinada situação recebe um *feedback* positivo tende a repetir o comportamento, a aprendizagem ocorre pelo reforço de um estímulo e podemos transportar essa conexão para nossa solução de aprendizagem *gamificada*. (ALVES, 2015, p. 58)

Dessa forma, a aprendizagem pode acontecer com leveza e entusiasmo mesmo diante das obrigações que cercam o ambiente escolar, mesmo diante de uma narrativa literária extensa, com muitas páginas e que conseqüentemente não seria a escolha de leitura da maioria dos alunos. A eficácia e o sucesso dependem de muitos fatores, pertencentes ao campo metodológico ou externos a escola, tais como fatores individuais de cada aprendiz. No entanto, práticas educacionais que tendem a diminuir a distância escola/alunos são sempre bem-vindas.

Para Fardo (2013), a gamificação aliada a educação pode romper o distanciamento que há entre os jovens e a escola:

[...] o que a gamificação propõe é falar a língua dos indivíduos inseridos nesse contexto da cultura digital e dos games. É introduzir um método que vise romper com o abismo que muitas vezes se apresenta entre os jovens e as escolas, entre os aprendizes e o conhecimento, entre a diversão e o trabalho.”. (FARDO, 2013, p. 96)

Ao lançar mão das estratégias do mundo digital, pretende-se desfrutar dos seus benefícios, principalmente, no que se refere estar mais próximo e se aprofundar em práticas que conversem com o público que almejamos alcançar. Ao passo que, torna-se necessária a aproximação e entendimento das necessidades que envolvem esse público, para assim festejar resultados exitosos mais frequentes e consistentes.

Colocar em prática no ambiente escolar, atividades de leitura literária de narrativas longas parece à primeira vista muito distante de ser uma atividade promissora. Mas, é importante buscar caminhos e aliados para seguir acreditando e experimentando, mesmo conscientes do cenário desafiador que é envolver alunos em momentos de leitura em sala de aula.

Consideramos que a leitura de uma narrativa na íntegra, garante aos estudantes o contato não só superficial ou fragmentado, mas uma experiência completa. Ir além, incluir narrativas mais longas e complexas de forma gradativa é responsabilidade da escola, tendo em vista que para a grande maioria dos discentes, esta pode ser a única oportunidade de acesso a essas obras.

Marc Prensky (2010), em “*Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo!*” dedica um capítulo aos professores e em um dos tópicos do capítulo intitulado *Usando os princípios por trás dos bons games*, afirma que nos games há muitos princípios da aprendizagem e esses princípios podem ser incorporados a ambientes e situações que pareçam com um game, sem necessariamente utilizar um game.

São dois os princípios apresentados pelo autor, o primeiro princípio recai sobre a forma de pensar como envolver o aluno. Prensky (2010) considera esse o primeiro passo, que antecede apresentar o conteúdo. Pensar no conteúdo a ser compartilhado com um grupo de alunos deve vir primeiramente acompanhado da forma como atrair, envolver o aluno para aprendizagem daquela determinada aula. Ele apresenta como exemplo o sucesso dos *designers* de *games*.

Dessa forma, ter como primeiro pensamento o que fazer para envolver os alunos na aula durante a apresentação de determinada atividade, mantendo o entusiasmo da turma e ao mesmo tempo apresentar o conteúdo, é um fator relevante para ser pensado e colocado em prática. Prensky acredita que envolver os aprendizes seja uma prioridade e deve se sobressair ao simples cumprimento de conteúdo.

Outro princípio que ele aponta que é constante nos games, é a tomada de decisão dos envolvidos, e o autor acredita que para o ambiente escolar, provocar os alunos para que com maior frequência possam ter a oportunidade de tomar decisões durante a aula, pode contribuir muito para a aprendizagem. No entanto, ele alerta para que essas decisões não sejam muito fáceis, nem muito difíceis.

Como podemos aumentar a quantidade de decisões nas aulas? Se você possuir a tecnologia necessária poderá fazer cada aluno votar sempre que você fizer uma pergunta. Mas você também poderá fazê-lo sem qualquer tecnologia. Em vez de perguntar “Quem sabe?” e esperar que alguns alunos levantem as mãos (normalmente são os mesmos que o fazem sempre), por que não fazer todos votarem a cada pergunta, com as mãos levantadas? (Quantos acha tratar-se de Roma? Quantos de Cartago? Quantos de Ítaca?..) É uma ideia. (PRENSKY, 2010, p. 263)

Os argumentos e sugestões de Prensky contribuem com o que está sendo discutido nesta pesquisa. Os princípios apresentados pelo autor, envolver e possibilitar maior tomada de decisões, coloca o aprendiz, o aluno, no contexto escolar, ativo no processo. Ele deixa de ser mero receptor e ocupa o espaço de mola motriz, importante para a construção do conhecimento

que está sendo desenhado naquele momento. O aspecto agregador dos princípios dos bons games apresentados por Prensky, assim como ele aponta são recursos consideráveis para serem utilizados na educação.

## **5 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E UMA EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO**

A proposta a seguir é pensada com a intenção de trazer nossa contribuição para professores e para todos que tem interesse em desenvolver atividades literárias em sala de aula, no sentido da leitura do livro literário, mais especificamente do texto narrativo. Escolhemos para a pesquisa a obra clássica da literatura brasileira, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, obra lançada em 1968, publicada em 23 países e traduzida para 15 idiomas, de acordo com os dados registrados no exemplar da editora Melhoramentos, ano 2019. O autor, José Mauro de Vasconcelos, nasceu em 1920, no Rio de Janeiro em uma família muito pobre, motivo pelo qual precisou ir morar, ainda criança, em Natal, no Rio Grande do Norte, onde passou sua infância e juventude. Embora não seja uma autobiografia, muitos aspectos da infância do autor está presente nas páginas desse livro.

A proposta é desenvolvida a partir da sequência básica de Cosson (2016) e a gamificação como estratégia para motivar a leitura, acompanhar os intervalos que acontecerão no decorrer do processo, além de promover uma experiência literária que permita uma interação mais profunda e significativa com a obra.

A escolha da obra está relacionada a sua capacidade de falar ao público que se pretende alcançar, alunos dos anos finais do ensino fundamental, com uma linguagem e riqueza de construção de personagens que envolve não só o público infantil e juvenil, ao qual a obra é classificada, mas a pessoas de todas as idades. Em qualquer momento ao ser lida, a obra consegue emocionar, provocar reflexões, encantar e ainda se conectar com o presente, como se tivesse sido escrita no momento da leitura.

Fragmentos e recortes de capítulos encontrados em alguns dos livros didáticos, fazem dessa obra uma narrativa muito reconhecida entre os docentes, mas, geralmente apenas pelos trechos encontrados em forma de texto encontrados na abertura dos capítulos dos livros de Língua Portuguesa. Pensamos que pela riqueza de sua construção, essa é uma entre tantas outras narrativas que merece sua leitura na íntegra, a fim de que todos os envolvidos em sua leitura possam desfrutar de toda sua essência.

A pesquisa é de natureza descritiva e a abordagem qualitativa. A proposta é pensada para turmas dos anos finais do ensino fundamental do ensino regular, podendo ser adaptada para outros segmentos e níveis escolares. Dessa forma, durante sua aplicação é possível alterações e adequações conforme a necessidade. Trata-se de uma sequência de procedimentos a serem aplicados nas aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de trazer a experiência de

leitura de uma narrativa literária como atividade que acontece dentro da escola, pelo menos, boa parte da leitura, tendo em vista, a necessidade de acompanhamento desse processo, a fim de fornecer meios de garantir uma leitura significativa, de promover o letramento literário tão desejado por todos que acreditam no valor da literatura para formação das pessoas.

A seguir, a proposta será detalhada com base na obra anteriormente citada. No entanto, fica a critério do profissional adaptar as sugestões adequando-as ao público desejado.

### **5.1 Proposta de intervenção**

Tendo em vista, que o objetivo da atividade é a promoção da leitura e experiência literária com destaque para a leitura de uma narrativa na íntegra, é sabido, o quanto é desafiador manter o interesse dos alunos durante todo o percurso. Por esse motivo entendemos que é preciso experimentar novas formas, novos modelos pensados e planejados para a geração que estamos ensinando. Além disso, também consideramos essencial que a escola seja esse lugar de descobertas de obras clássicas memoráveis e de leitura desses livros, que eles não sejam apenas mencionados por sua importância ou pelo título que carregam entre cânones. Proporcionar aos alunos a leitura de obras assim como o clássico, *O meu pé de laranja lima*, escrita em 1968 com o olhar de sua época, de sua idade, do seu momento, proporciona aos alunos entender o que faz de uma obra literária um clássico, escrito em outro momento distante daquele em que está sendo lido e dialogando com o presente.

A leitura das entrelinhas, o contexto de leitura e escrita, as emoções, a linguagem, e tudo o que a literatura nos permite experimentar, quiçá, possa despertar o interesse por leituras que tragam satisfação, sejam leituras de clássicos ou não. A leitura de obras assim transmite o poder e a beleza das palavras. Compreendemos que os cânones precisam ser apresentados aos alunos para que eles possam depois escolher suas leituras e descobrir suas preferências.

A leitura da obra tem como meta promover o letramento literário, em conformidade com a sequência básica, de Cosson (2016), constituída pelos seguintes passos: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. Para motivação, a proposta é dedicar duas horas/aula para seu desenvolvimento. E para um encontro posterior também duas horas/aula, para a introdução da obra. A etapa que é necessário dedicar mais tempo é a da leitura, que consiste na leitura da obra e nos intervalos, momentos essenciais de acordo com o autor, na perspectiva do letramento literário. Para isso, é necessário a cada semana momentos em sala de aula e remotos assíncronos, que compreendem o espaço de dois bimestres (preferencialmente, segundo e

terceiro bimestre), tendo em vista que os alunos e profissionais estão se adequando ao cotidiano escolar no primeiro bimestre e o último ser um bimestre, geralmente, com maiores atribuições e eventos a serem desenvolvidos. O último passo da sequência é a interpretação que consta da construção de sentidos atribuídos ao texto com base na sua leitura. Os diálogos que acontecem após a leitura de uma obra representam a interpretação de cada um diante da obra lida. Para essa etapa final compreendemos que duas horas/aula são necessárias, tendo como pretensão a leitura dos últimos capítulos do livro em sala de aula e em seguida a discussão da obra.

A seguir, apresentamos uma descrição mais detalhada de cada um dos passos da sequência básica de Cosson, (2016): motivação, interpretação, leitura e interpretação, aplicadas em nossa pesquisa para a leitura do livro selecionado.

### 5.1.1 A motivação – primeiro passo da sequência

Para esse primeiro momento, nossa proposta é apresentar ilustrações do artista plástico Bê Sancho<sup>1</sup>, da série Afetos, que traz em suas telas cenas que remetem a infância, provocando um debate e discussão acerca do dia a dia do próprio aluno, que poderá se reconhecer nas imagens, vislumbrar desejos, aspirações ou até mesmo, rejeitar e não reconhecer sua infância retratada naquelas cenas, a exemplo de:

**Figura 01:** À espera. Óleo sobre tela. 70X50. 2019



FONTE: [www.besancho.com.br/galeria.html](http://www.besancho.com.br/galeria.html) em: 10 de maio de 2022.

<sup>1</sup> Bê Sancho: artista plástico contemporâneo nascido em Nova Friburgo- RJ.

**Figura 02: Tempo de Brincar.** Óleo sobre tela. 90X70. 2019



FONTE: [www.besancho.com.br/galeria.html](http://www.besancho.com.br/galeria.html) em: 10 de maio de 2022.

A escolha se justifica por permitir um momento de reflexão a partir de uma obra de arte que fala de forma diferente a cada aluno. Essa experiência artística única e individual também acontece a partir da leitura literária. Na narrativa, a infância de Zezé, um garoto de seis anos, será acompanhada pelos leitores regada por muitos sentimentos. A emoção está presente na obra em muitos momentos e bem representada pela linguagem sensível e potente do autor, provocando nos leitores reações e sensações diversas, mostrando o potencial dessa obra prima de José Mauro de Vasconcelos.

### **5.1.2 Introdução – segundo passo da sequência**

Para a apresentação do livro escolhido, sugerimos fazer uma ponte entre as imagens de Bê Sancho e o livro físico, levado pelo professor e repassado entre os alunos. Indicamos chamar a atenção da turma para capa, título da obra, fontes, cores, a fim de estimular a percepção, a inferência, a reflexão, a comparação, além de outros aspectos que podem surgir durante a discussão, tendo sempre o cuidado de estar atento a cada contribuição, sem desmerecer ou diminuir as observações colocadas nesse momento da aula. O passo seguinte é trazer informações breves sobre o autor José Mauro de Vasconcelos, que traz em *O meu pé de laranja lima* um texto fortemente autobiográfico.

As atividades são guiadas com base no exemplar da editora Melhoramentos, publicado em 2019, e a partir dele desenvolver todas as leituras e atividades. Com o exemplar em mãos,

depois de ter passado por todos os alunos, o professor pode chamar a atenção para as ilustrações dessa edição com questionamentos como, por exemplo, quais sentimentos são provocados? Qual estado de humor é representado pelo menino que ilustra a capa? O que levou a escolha das cores da capa, tipos e tamanhos de letras? Enfim, fazer uma leitura atenta e profunda da capa do livro, e ainda provocar reflexões sobre essas escolhas.

Ressaltamos que leitura semelhante poderá ser feita a partir de outra edição, o importante é começar desde então a trazer questionamentos e aguçar a curiosidade e a percepção do aluno.

O autor da obra deverá ser apresentado à turma como o criador dessa narrativa que será conhecida durante todo o percurso da leitura, escritor que deixa nessa obra clássica da literatura brasileira, registros de sua própria infância.

A partir desse momento, o próximo passo é o início da leitura. Essa é a etapa que necessita de um tempo maior em relação às etapas anteriores. O livro é narrado em primeira pessoa e dividido em duas partes: a primeira parte é composta por cinco capítulos e a segunda parte é composta por nove capítulos, totalizando, catorze capítulos. O processo de leitura é acompanhado pelo professor através de estratégias gamificadas e encontros para discussão da obra que acontecerão de forma presencial e remota.

Para a realização da leitura sugerimos preferencialmente para as leituras em sala de aula, o livro físico, caso não seja possível, poderão ser usadas fotocópias para os encontros presenciais e arquivo de PDF da obra para a leitura remota, quando for sugerida. Os livros são disponibilizados em sala de aula e mantidos na escola, com exceção dos momentos em que os alunos são orientados a levar para seus lares a fim de ler os capítulos predeterminados pelo professor. Com relação as cópias, conforme a leitura avance, para cada momento de leitura é disponibilizado apenas o material que será lido naquele momento.

### **5.1.3. Leitura – terceiro passo da sequência**

*O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, é uma narrativa com 211 páginas., dividido em duas partes. A primeira parte é composta pelos capítulos: O descobridor das coisas, Um certo pé de laranja lima, Os dedos magros da pobreza, O passarinho, a escola e a flor e “Numa cadeia eu hei de ver-te morrer”. A segunda parte da narrativa compreende os outros nove capítulos: O morcego, A conquista, Conversas para lá e para cá, Duas surras memoráveis, Suave e estranho pedido, De pedaço em pedaço é que se faz ternura, O Mangaratiba, Tantas são as velhas árvores, A confusão final.

É importante esclarecer pontos que são necessários para a organização e bom funcionamento da atividade. Sugerimos que para o primeiro momento em sala de aula, seja orientada a organização das cadeiras em círculo, para melhor desenvolvimento da atividade, e desde então definir que em todos os momentos de leitura em sala de aula, as cadeiras estejam distribuídas daquela forma. Durante essa etapa, sugerimos que, se possível, caso haja outros cantos da escola, a leitura também aconteça fora da sala, em uma área externa ou outra repartição, como uma biblioteca, por exemplo. A intenção é manter a dinamicidade nas aulas, e a experimentação de lugares diferentes, a fim de encontrar o mais confortável possível para esses momentos.

Sugerimos preferencialmente, a utilização dos livros, mas em casos em que não haja a quantidade suficiente para cada aluno, cópias contendo os dois primeiros capítulos são entregues a cada aluno. Ao se tratar do uso de cópias, sugerimos que essa traga a capa, folha de rosto, sumário e os capítulos a serem lidos. Os alunos terão um breve momento para poder folhear o material que tem em mãos antes do início da leitura. O professor faz uma explicação de como serão esses primeiros passos da leitura, deixando claro que ela não só acontecerá em sala de aula, mas também, de forma remota, através de arquivo de PDF que será disponibilizado em um grupo de WhatsApp criado pelo professor para disponibilizar e trazer todas as informações necessárias durante o desenvolvimento da etapa de leitura.

O docente inicia a leitura, comunicando antes que fará algumas pausas para que os alunos possam contribuir lendo alguns trechos da narrativa. Para que o ritmo da leitura não seja quebrado, deve ser acertado, antes do início, a sequência de leitores que irão participar. Essa divisão pode acontecer de acordo com a posição que os alunos se encontram sentados para que haja uma continuidade da leitura sem pausas muito longas. É possível, de acordo com o perfil de cada turma que alguns não se disponibilizem a ler. É importante respeitar o desejo do aluno e em outras oportunidades, voltar sempre a estimulá-los sem que haja um tom de exigência ou obrigação. O que esperamos é que até o fim dessa etapa, todos já estejam participando da leitura voluntariamente. Para turmas muito numerosas, pensamos que seja melhor dividir em duas partes, uma parte da turma participa da leitura da obra em um determinado dia e a outra parte fica para ler na próxima vez. É muito importante trazer para esses primeiros momentos todas as informações relacionadas ao processo de leitura.

Para estimular a participação, propomos a produção de um mural de incentivo, (espécie de barra de progresso, elemento característico da gamificação), onde constará os nomes de todos os alunos da turma. Ele será atualizado com recompensas conquistadas ao longo do processo. Sobre essas recompensas, elas resultarão da participação de cada aluno em momentos

específicos. Parte das recompensas são conquistadas durante as aulas dedicadas a leitura e parte durante os intervalos. A descrição desses intervalos de leitura será feita no próximo segmento desse capítulo.

Sobre a leitura, a sugestão é realizar parte dela na escola e parte remotamente, mantendo uma média de um ou dois capítulos nos encontros presenciais e a mesma média de capítulos em casa após indicação do mediador. Iniciar e terminar um capítulo permite manter uma melhor compreensão dos fatos e um ritmo adequado para a narrativa da edição mencionada para essa proposta. Recomendamos que em sala de aula haja um primeiro encontro para a leitura da obra e os capítulos seguintes já sejam direcionados para serem lidos em casa. Tendo em vista, a primeira parte do livro ser composta por cinco capítulos, para essa obra sugerimos um encontro presencial para os dois primeiros capítulos, seguidos da orientação de leitura do capítulo seguinte em casa para que na aula seguinte, após leitura do capítulo, aconteça o primeiro intervalo. Os dois últimos capítulos que encerram a primeira parte da obra é preferível que seja lido em sala de aula.

A cada final de dois ou três capítulos, conforme o desenrolar da narrativa, é importante que aconteçam os intervalos de leitura, momentos que consideramos fundamentais para o sucesso da atividade.

#### **5.1.4 - Interpretação – quarto passo da sequência**

De acordo com Cosson (2016, p. 66), as atividades de interpretação, parte final da sua sequência básica, “deve ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro”. Para o autor, aspectos como idade e série escolar dos alunos e o tipo de texto influenciam na forma como esses registros acontecem, assim, registros pensados para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental são diferentes dos registros pensados para alunos dos anos finais, por exemplo.

Esse é um encontro muito especial, porque a leitura da narrativa terá terminado. É o momento de ouvir as impressões de cada um em relação a obra completa, tendo em vista que em encontros anteriores, muitas previsões são feitas e as intuições sobre o desenrolar da narrativa são confirmadas ou não nas leituras subsequentes. Nesse momento, teremos conhecimento da obra na íntegra. Os registros orais de cada participante são muito importantes, porque representam a leitura de cada um diante da obra. *O meu pé de laranja lima* não será

mais algo hipotético, será uma obra conhecida e sentida por cada leitor de forma única, conforme o contexto de leitura de cada um dos participantes.

Em nosso trabalho, a sugestão é trazer de volta, nas aulas dedicadas a interpretação, as mesmas imagens impressas do artista plástico, Bê Sancho, que foram apresentadas no início da proposta durante a motivação e estimular uma análise comparativa do que foi lido sobre a infância de Zezé e a infância retratada na obra do artista.

O diálogo com o texto é essencial para o letramento literário e o contexto de produção do texto e do momento da leitura reflete sobre a compreensão da narrativa. A obra *O meu pé de laranja lima* lida na adolescência é recebida de forma diferente da mesma obra sendo lida na idade adulta. Cada leitura que fazemos de uma obra literária nos apresenta novas nuances e sentidos. De acordo com Cosson,

Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. [...] O contexto é, pois, simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura. (COSSON, 2016, p. 41)

Assim como o autor, compreendemos a importância do contexto na compreensão dos sentidos que uma mesma obra literária assume em diferentes momentos e situações. O sentido é resultante do encontro da obra e do leitor. O que é próprio do texto se completa com os sentidos atribuídos a ele pelo leitor. Eles se completam e precisam um do outro.

Após o final da leitura, é esperada uma discussão entre alunos, acerca dos acontecimentos finais da narrativa, caso necessário, o professor inicia a discussão e escuta com atenção as opiniões e sentimentos despertados em cada um dos leitores. Como registro da leitura, o professor pode solicitar aos alunos a produção de um *podcast*, conteúdo auditivo, produzido para informar, estudar, entreter. Em nossa pesquisa, o *podcast* contendo a opinião dos alunos acerca de questões que são colocadas durante a leitura da narrativa, reflexões e posicionamentos sobre o personagem Zezé e a narrativa *O meu pé de laranja lima*, é uma ferramenta que pode servir como espaço de divulgação e compartilhamento do pensamento de cada aluno e uma oportunidade de registrar a compreensão de cada grupo em torno da leitura.

Sobre a formação de grupos de trabalhos para a produção do *podcast*, os alunos são orientados a se dividirem em grupos para discutirem juntos sobre os seguintes questionamentos: Qual momento da narrativa mais chamou sua atenção? Se você pudesse encontrar o personagem Zezé, o que você diria para ele? Cada aluno do grupo apresenta suas respostas e em seguida o grupo é orientado a produzir um *podcast* com base nesses questionamentos e nas respostas

dadas para cada uma das perguntas. Esses destaques da narrativa, quando decididos e escolhidos pelos alunos, representam o olhar de cada um frente ao que foi lido, o que mais tocou e chamou a atenção dos leitores.

Como proposta para o podcast, sugerimos seguir em formato de entrevista. O professor solicita um representante do grupo para ser o entrevistador e os outros alunos assumem o papel de entrevistados. O grupo se organiza para produzir a introdução do podcast trazendo informações gerais sobre a obra e em seguida começar a sessão de perguntas e respostas.

A gravação do podcast pode ser realizada em ambientes próprios para isso, como por exemplo, utilizando o aplicativo gratuito *Anchor* que possibilita gravar, acrescentar trilha sonora, editar e postar com facilidade usando apenas o celular ou nos casos de inviabilidade do uso do aplicativo, o podcast pode ser produzido usando o gravador de voz de celulares.

Após todo o planejamento para a atividade, é importante que o professor demonstre uma gravação de um podcast usando a ferramenta *Anchor*, como também uma gravação usando o gravador de voz do celular. É importante que a demonstração aconteça em sala de aula com a participação dos alunos. O processo é simples, mas a demonstração é importante para que as dúvidas sejam elucidadas na prática.

Passadas todas as orientações, cada equipe fica responsável para postar no grupo do WhatsApp o link do seu podcast, ficando disponível no grupo para apreciação de toda a turma. É importante ressaltar que o podcast representa o registro da leitura da narrativa, *O meu pé de laranja lima* e pretende como o próprio nome sugere registrar o olhar do aluno diante da obra. As questões respondidas pelos alunos no podcast podem ser ampliadas ou substituídas por outras que porventura algum aluno venha propor.

É importante disponibilizar para toda comunidade escolar os podcasts produzidos pelos alunos para que todos possam prestigiar os trabalhos produzidos pelos alunos.

A recompensa desta etapa é registrada da seguinte maneira:

- Encaminhamento do podcast dentro do prazo. (10 estrelas)
- Encaminhamento do podcast com atraso. (8 estrelas)

## 5.2 Os intervalos e a gamificação

Conscientes da importância de pausas durante a leitura para a realização de diálogos em torno da narrativa, sugerimos para essa obra que aconteça após a leitura dos primeiros três capítulos do livro, edição onde a narrativa é dividida em duas partes. Os capítulos, *O descobridor das coisas*, *Um certo pé de Laranja Lima* e *Os dedos magros da pobreza*, representam três dos cinco capítulos que compõem a primeira parte da obra. Esta é a sugestão para essa obra e edição, porém, para outras narrativas, essa decisão se dará conforme melhor momento identificado pelo professor. É aconselhável que não haja um espaço de tempo muito grande entre leitura e intervalo.

As metodologias gamificadas são de grande valia para motivar a participação e contribuir para que os alunos permaneçam na atividade. As estratégias de gamificação são perpassadas para encontros presenciais durante os intervalos, como também para atividades remotas. Embora estejam presentes em grande parte de todo o processo, elementos que representam as estratégias gamificadas são mais utilizadas durante os intervalos.

Para os registros individuais de desempenho de cada estudante, sugerimos o mural de incentivo, citado em capítulo anterior como um dos elementos da gamificação. O mural tem como objetivo acompanhar a participação e esforço dos envolvidos e registrar a pontuação de cada aluno durante todo o percurso.

Para cada atividade realizada, que chamaremos de desafio, o aluno ganha uma recompensa que será cumulativa. As recompensas são estrelas conquistadas ao longo do desenvolvimento da proposta. No final do processo, a pontuação de cada um dos leitores é contada a fim de premiar os três primeiros colocados com brindes e medalhas. E os demais participantes ganham medalhas como forma de prestigiar a participação. Dessa forma, todos os participantes são contemplados.

Todas as regras para cada desafio ou atividade proposta devem ser devidamente explicadas e esclarecidas para que não fiquem dúvidas. Oportunamente, é sugerível realizar tarefas extras com pontuação diferente para estimular os alunos ficaram para trás, que estão nas últimas colocações no painel de incentivo. O objetivo é manter o entusiasmo aceso e disposição para continuarem a cumprir as tarefas designadas, e principalmente dedicação a leitura, principal objetivo. Dessa forma, todos permanecem até o fim participando com entusiasmo, interesse, almejando recompensas e se envolvendo com a narrativa.

### **Primeiro intervalo: As emoções**

Depois de ler os três primeiros capítulos do livro, sugerimos a realização do primeiro intervalo. Compreendemos que todos os intervalos são fundamentais para que a leitura seja significativa, No entanto, o primeiro intervalo é primordial para estimular o aluno a leitura da obra, para esclarecer dúvidas e confusões que muitas vezes aparecem no início de uma narrativa. As relações entre os personagens nem sempre ficam claras para todos os leitores, em *O meu pé de laranja lima*, muitos personagens são citados durante os primeiros capítulos. Não lembrar ou não conseguir identificar a função e a relação de cada personagem entre si, pode comprometer o entendimento da obra, como também o interesse pela leitura.

Para esse momento inicial a proposta é realizar uma atividade em que as emoções de Zezé, personagem principal da obra, sejam comentadas a partir de uma dinâmica de perguntas e respostas, essa é uma forma de retornar ao texto e trazer informações que podem ter se perdido em algum momento. Esses capítulos iniciais são muito importantes, porque nos são apresentados muitos personagens e a relação desses deles com Zezé, protagonista da narrativa.

Para resgatar as memórias do que foi lido e atualizar aqueles que tenham perdido alguma informação, por distração, por ausência nas aulas dedicadas a leitura ou mesmo por não ter compreendido bem as informações narradas até aquele momento, sugerimos uma sequência de perguntas sobre as sensações e emoções experimentadas e provocadas por Zezé, identificadas nesse início de leitura. Como Zezé se sentia quando Totoca, seu irmão mais velho, lhe ensinava as coisas? Qual sensação Zezé experimentou ao atravessar a estrada sozinho pela primeira vez? Como Totoca ficou ao perceber que Zezé estava lendo? O quintal de Zezé se dividia em três brinquedos, o jardim zoológico, a Europa e o Luciano. Luciano era um morcego. Qual sensação Luciano provocou nos irmãos de Zezé? Essas perguntas são feitas com base na leitura dos três primeiros capítulos do livro.

A proposta é que os alunos respondam através de placas que são entregues a cada um. As placas contêm diferentes *emojis* representando sentimentos e sensações. São eles: alegria, medo, surpresa, dor, preocupação, tristeza. Ao serem questionados, cada aluno apresenta sua resposta levantando a placa com o *emoji* que corresponde a resposta correta de acordo com a narrativa.

No decorrer da atividade, manter um diálogo lembrando momentos da leitura que evidencie fatos que fundamentam cada resposta, fortalece a relação do aluno com a leitura e a relação entre todos enquanto leitores daquela obra. Refletir, construir argumentos, refutar,

respeitar o turno de fala de cada participante, são algumas das lições que o momento pode ensinar, sem contar com o fortalecimento do elo aluno/narrativa.

O painel de incentivo recebe estrelas de participação de acordo com a coerência das respostas em relação ao que foi lido até aquele momento.

Destacamos que essa estratégia permite ao aluno perceber que as recompensas dependem diretamente da propriedade que ele tem em relação ao que foi lido. Manter uma leitura atenta é importante e pode trazer recompensas.

Participação na atividade: estrelas no painel de incentivo.

### **Segundo intervalo: A escola**

A escola, para o personagem Zezé é um ambiente de descobertas, alegrias, frustrações e de muita expectativa. Como proposta para este intervalo é iniciar um diálogo acerca do tema escola no contexto da narrativa, como são as relações entre eles e em seguida trazer para discussão as relações de convivência que envolvem a própria escola. Oportunizar a esses leitores que também são alunos, reflitam sobre esse espaço comum, onde convivem alunos, professores, funcionários, todos os atores que formam as instituições de ensino.

Para esse intervalo, a sugestão é que aconteça logo após os dois últimos capítulos da primeira parte do livro que são, *O passarinho, a escola e a flor e “Numa cadeia eu hei de verte morrer”*. Os capítulos citados encerram a primeira parte do livro, conforme divisão da obra. A aula será iniciada ouvindo dos alunos as impressões deles em relação a obra até aquele momento. É importante aceitar e considerar que algum aluno pode não está gostando da experiência, no entanto, o papel do professor é ouvir todos e continuar estimulando até o final.

Um dos capítulos que antecedem esse intervalo narra as expectativas e experiências de Zezé na escola. Com a intenção de retomar esse momento da leitura, tendo em vista, a escola ser para o personagem Zezé, um lugar que ele esperava com muita expectativa começar a frequentar.

Para introduzir o intervalo, a escolha do poema que transmite um ideal de escola, se justifica justamente por ter forte relação com a narrativa. O poema escolhido para leitura introdutória do intervalo é, *A escola* é, de Paulo Freire<sup>2</sup>. O texto é lido pelo professor para os

---

<sup>2</sup> Paulo Freire (Recife, 1921 – São Paulo, 1997) Educador e filósofo brasileiro.

alunos e em seguida, é iniciado um diálogo sobre a importância dessa instituição para cada um, e qual a contribuição dessa instituição para a sociedade.

Os alunos são orientados a selecionar trechos do poema de Paulo Freire e relacionar esses trechos a momentos da narrativa que representem uma escola ideal no que se refere aos aspectos da convivência, incluindo não só alunos e professores, mas todos aqueles que a compõem. Esses trechos podem representar o que eles consideram positivo, mas também aspectos negativos, que de acordo com o que eles entendem não deveriam fazer parte do cotidiano escolar. A intenção é, além de rememorar a narrativa, aproveitar para tratar de questões como respeito, empatia, solidariedade, entre outros pontos importantes para estarem em pauta na escola. Além disso, gerar consciência acerca do papel de cada um naquela instituição a qual fazem parte e o quanto é importante conviver em um ambiente em que todos contribuam e exerçam suas funções de maneira consciente e responsável.

Os registros da atividade são expostos de forma oral e escrita e compartilhada entre os envolvidos. Apresentamos ainda, como proposta para este intervalo, após as contribuições orais, a produção de cartazes contendo os registros resultantes das reflexões acerca da narrativa, correlacionados a vivência escolar de cada um.

Nessa etapa do intervalo, é proposto que os alunos formem grupos para esquematizar a produção de um cartaz que será confeccionado em casa para poder ser exposto na escola. O cartaz terá o tema *A escola é*, referenciando o poema de Paulo Freire, trazendo imagens relacionadas aos trechos do poema e da narrativa, conforme escolha de cada grupo.

O momento em sala de aula é importante, no sentido de passar todas as orientações em relação ao cartaz, como tamanho de letra e adequação ao espaço utilizado, legibilidade, destaque do tema e partes importante, as quais o grupo queira chamar atenção, e principalmente a esquematização em rascunho das primeiras ideias que o grupo terá para realizar a atividade. É importante que nessa aula, eles já saiam com boa parte do trabalho já planejado e todas as funções divididas entre eles.

Os alunos devem sair da aula com o esboço do que pretendem desenvolver já planejado e encaminhado, mas a conclusão do trabalho e entrega do cartaz acontece uma semana depois, para ser prestigiado e afixado em paredes da escola e divulgado com alunos de outras turmas com breves visitas guiadas por professores, a fim de despertar valores importantes para uma boa convivência em grupo.

Pretende-se com a atividade despertar a consciência do lugar de cada um em um grupo, em uma organização, em uma instituição. Além da necessidade de que cada um cumpra sua

parte, suas obrigações para que as coisas funcionem com harmonia, fazendo um paralelo entre o poema de Paulo Freire e a narrativa lida até aquele momento.

A relação de grupo de coletividade tem um destaque maior nesse intervalo. As recompensas dependerão da forma como o grupo se relaciona. Cada aluno precisa exercer uma função e desenvolvê-la bem para o sucesso coletivo da atividade.

Participação na atividade: 2 estrelas no painel de incentivo.

### **Terceiro intervalo: A amizade**

Para este intervalo, a proposta é que aconteça após a leitura dos primeiros capítulos, referente a segunda parte da obra que é composta por nove capítulos. Os três primeiros capítulos referentes a segunda parte da obra, conforme divisão da edição utilizada para ilustrar a atividade, consistem em: O morcego, A conquista e Conversas para lá e para cá.

É aconselhável que parte da leitura aconteça em sala de aula e parte extraclasse, como sugerido em outros momentos. O professor poderá solicitar que os alunos leiam em casa até a página selecionada por ele e na aula seguinte a leitura continua na escola, no entanto é imprescindível que haja antes uma conversa que retome os acontecimentos dos capítulos anteriores, para só depois iniciar a leitura coletiva e compartilhada em sala de aula, esse procedimento é aconselhável para todas as retomadas da leitura nos momentos presenciais. Para a leitura é considerável estabelecer dois horários em um dia para sua realização e em um outro momento mais dois horários que serão dedicados ao intervalo denominado: a Amizade.

Esse intervalo acontece de forma híbrida, parte via mídias digitais através de link deixado em grupo específico formado desde o início do processo de leitura e a outra parte em sala de aula.

O link disponibilizará uma sala de bate-papo em um *Padlet*, o qual, os alunos serão orientados a registrar seus comentários ao término dos capítulos citados anteriormente. O foco desse intervalo é trazer uma discussão entre alunos, em relação a amizade de Zezé com Minguinho (o pé de laranja lima) e Manoel Valadares (o Portuga), via um bate-papo virtual, através da mídia *Padlet*. A ferramenta possibilita ao aluno fazer seu comentário, bem como comentar e reagir as postagens dos demais. O espaço é aberto para que cada aluno registre sua opinião acerca dos seguintes questionamentos: Como é a amizade de Zezé com Minguinho e o Português? Em que se assemelham e em que se diferenciam? Em quais aspectos essa amizade contribuiu para o crescimento e amadurecimento de Zezé?

No encontro presencial, as contribuições oralmente colocadas são abordadas, conforme os alunos se habilitem a externar o que pensam sobre o tema amizade e as evidências

encontradas na obra com relação a amizade de Zezé e outros personagens. É possível que algum aluno já faça referência as experiências de Zezé, protagonista da obra, com relação a convivência e sentimento de amizade que ele tem com seu irmão mais novo, a professora da escola, e especialmente, com Manoel Valadares (o Portuga) e Minguinho (o pé de laranja lima), amigos a quem ele confia suas alegrias e dores. Caso não aconteça, o professor traz para a conversa tais aspectos da obra.

Nesse encontro, todos os alunos recebem quatro estrelas para serem afixadas no painel. Duas das estrelas conquistada por participar do bate-papo virtual e a outras duas pelas contribuições orais em sala de aula.

Participação na atividade: 04 estrelas no painel de incentivo.

#### **Quarto intervalo: A dor**

Após realizar a leitura dos capítulos, *Duas surras memoráveis*, *Suave e estranho pedido* e *De pedaço em pedaço é que se faz ternura*, este será o último intervalo que acontece e encaminha o aluno para a conclusão da obra.

O quarto e último intervalo que antecede o desfecho final da narrativa, acontece após a leitura de capítulos carregados de muita emoção. As dores e desalentos do jovem protagonista é acompanhada pelo leitor através da brilhante escrita de José Mauro de Vasconcelos.

Para iniciar o intervalo, sugerimos levar a música, *Enquanto houver sol*, do grupo musical Titãs. A música e a narrativa se assemelham em momentos que mostram uma situação de desespero e dor, seguidos da escolha de seguir o curso da vida, mediante à esperança de dias melhores.

Cada aluno se pronuncia conforme sintá-se à vontade, e todas as reflexões são ouvidas com atenção e interesse. É importante salientar que a narrativa é a mesma, no entanto, diferentes aspectos tanto da narrativa quanto da música são abordados e destacados pelos alunos, tendo em vista que, cada vivência e experiência pessoal tende a contribuir com a forma como o texto é absorvido por cada um dos leitores, mesmo tratando-se da leitura em comum do mesmo livro.

Após esse momento, os alunos são convidados a se dividirem em dois grupos. Cada equipe escolhe um líder que terá a função de apresentar para todos a produção de sua equipe. O professor explica a dinâmica da atividade. Ele disponibiliza em um canto central da sala de aula alguns envelopes enumerados contendo frases que foram tiradas da letra da música e frases que foram tiradas dos três capítulos citados no início desse tópico. O líder do grupo escolhe um número e pergunta primeiro se a frase pertence a música ou a narrativa. Depois o grupo escolhe

entre si, um dos componentes para representar a frase lida através de um desenho. As equipes são orientadas a entregar o desenho pronto no tempo de 10 minutos. Além de entregar, o aluno terá um tempo breve para explicar o porquê das escolhas feitas para representar a frase.

O professor encerra esse intervalo encaminhando os leitores para o final da narrativa, ouvindo os alunos sobre as expectativas para o final da obra. Ele explica que haverá um encontro final, agendado com a turma para a o último encontro relacionado a leitura da obra. Este encontro é destinado a Interpretação, última etapa da sequência básica de Cosson (2016) e acontece após conclusão da leitura.

Sobre as recompensas, cada equipe pontua de acordo com os acertos, cada acerto corresponde a uma estrela.

Participação na atividade: 01 estrela no painel de incentivo para cada resposta correta.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Práticas de letramento literário precisam estar mais presentes no cotidiano escolar. Ter consciência da importância da literatura na formação humana e da relevância do papel do professor em tornar esse caminho, esse encontro entre o literário e o indivíduo, um processo não só agradável, mas envolvente e reflexivo é fundamental. Ana Maria Machado (2011), ao falar desse encontro entre o texto e o leitor, descreve esse momento como algo transformador. O aluno através da literatura tem um encontro com uma realidade que não é a sua e ao embarcar nesse outro mundo, diferente do seu, sai dessa experiência transformado. Corroboramos com Machado e compreendemos que desenvolver experiências transformadoras e significativas é o caminho, e experiências assim precisam estar presentes nas instituições de ensino.

Pensar em desenvolver uma experiência de leitura do livro literário na escola na perspectiva da leitura de forma integral, podendo acompanhar o progresso, a forma como o desenrolar da narrativa é recebida pelos alunos e ainda manter aceso o interesse durante o processo, é de grande relevância e ao mesmo tempo desafiador. Levando em consideração o trabalho com alunos do Ensino Fundamental, consideramos importante escolher uma narrativa da literatura infantojuvenil, a fim de através dela percorrer e encontrar caminhos para a formação do leitor literário competente. Nossa escolha para essa pesquisa foi a clássica narrativa infantojuvenil brasileira, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. No entanto, muitas outras obras clássicas ou não são importantes tesouros literários esperando serem descobertos e lidos.

A proposta de experiência literária com a leitura de um texto narrativo na íntegra, surge da necessidade de promover o letramento literário, bem como, incluir e, ou ampliar momentos de leitura em sala de aula com este propósito, envolver os alunos, proporcionar a experiência de se emocionar, refletir, questionar, se divertir, chorar, enfim, ser tocado e transformado pela literatura, através de experiências únicas que serão diferentes para cada um. Mesmo diante de uma mesma obra literária, ou em momentos diferentes da vida de uma mesma pessoa, a literatura tem muito a dizer, tem sempre a dizer mesmo quando se trata de uma releitura.

A gamificação em nossa pesquisa potencializa a formação do leitor literário, ocupando um papel importante no que se refere manter os alunos motivados e engajados.

O diálogo em torno do que está sendo lido, a troca de experiência, a troca de concepções em torno de um texto comum podem ser muito envolventes. Consideramos importante proporcionar momentos de leitura em que o mais importante é o próprio texto e o que ele

carrega. E assim, quem sabe perceber em vez de rejeição, afeição ao livro que se tem em mãos. Livro que guarda aventuras, dores, amores, lembranças, sentimentos e sensações que muitas vezes estão tão próximos de nós; que parecem ganhar vida e ao fechá-lo, o livro, já sentimos saudade e apreço pelo que ele nos proporcionou. É essa experiência de leitura que pretendemos despertar no aluno, para que ele busque por si só suas próximas leituras, as leituras de sua vida.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Flora. **Gamification: como criar experiências de aprendizagem engajadoras: um guia completo: do conceito à prática.** 2. ed. São Paulo: DVS Editora, 2015.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos;** tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARTHES, Roland. **Aula.** Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013
- BRASIL Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURKE, B. **Gamificar: como a gamificação motiva as pessoas a fazerem coisas extraordinárias.** Tradução: Sleben Gruppe. São Paulo: DVS Editora, 2015.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário.** São Paulo: Contexto, 2014.
- COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário.** Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre Livros: A Leitura Literária na Escola.** São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil.** São Paulo: Global, 2017.
- DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas.** In: DALVI, Maria Amélia et al (org.). **Leitura de Literatura na Escola.** São Paulo: Parábola, 2013.
- FARDO, Marcelo Luís. **A gamificação como estratégia pedagógica: estudo de elementos dos games aplicados em processos de ensino e aprendizagem.** Dissertação de mestrado. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/457>. Acesso em: 01/07/2021.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura - Leitores e Leitura.** São Paulo: Moderna. 2001.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PRENSKY, Marc. **“Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo! Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar!** São Paulo: Phorte editora, 2010.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99- 112.

RIBEIRO, Ana Elisa. **O livro, a leitura, o(a) escritor(a) e a escola: cenas e polêmicas contemporâneas da leitura literária**. In: *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. In: DALVI, Maria Amélia et al (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Por que e como ler textos literários**: MUGGE, Ernandi: propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTAELLA, Lúcia; NESTERIUK, Sérgio; FAVA, Fabrício. **Gamificação em debate**. São Paulo: Blucher, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 12. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. 4. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2019.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil e o leitor**. In: CADEMARTORI, L; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Ensaio).

**APÊNDICE**

**CADERNO PEDAGÓGICO**

***O MEU PÉ DE LARANJA LIMA  
E UMA EXPERIÊNCIA DE  
LETRAMENTO LITERÁRIO***

**MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA  
PROFLETRAS/2023**

**CADERNO PEDAGÓGICO**  
**O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E UMA EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO**  
**ELABORAÇÃO: MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA**  
**ORIENTAÇÃO: PROF. DRA. ROSÂNGELA NERES ARAÚJO DA SILVA**  
**DISSERTAÇÃO DE Mestrado Profissional em Letras – Profletras**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS – GUARABIRA**  
**GUARABIRA – 2023**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	04
<b>1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO E GAMIFICAÇÃO</b>	05
A sequência básica de Cosson e a gamificação	06
<b>2 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E UMA EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO</b>	07
O meu pé de laranja lima, um clássico brasileiro	08
<b>3 A PROPOSTA</b>	09
<b>4 QUADRO DE RECOMPENSAS</b>	30
<b>5 UMA PALAVRA FINAL AOS PROFESSORES</b>	34
<b>6 REFERÊNCIAS</b>	36

## APRESENTAÇÃO

Caro professor,

As discussões acerca dos estudos literários durante as aulas do PROFLETRAS, no *campus* de Guarabira, da Universidade Estadual da Paraíba, proporcionaram refletir e pesquisar, além de outros tópicos, sobre as práticas literárias em sala de aula. Atuando na rede pública de ensino há 19 anos, em turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, observamos ao longo dos anos a falta de solidez das aulas dedicadas a literatura, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Posto isso, este caderno pedagógico se propõe a expor uma sequência de atividades que demonstram passos desenvolvidos com o propósito de promover, na sala de aula, a leitura literária de forma significativa. A sequência aqui exposta não deve ser algo a ser seguido sem questionamentos e/ou adequações; é um modelo que compartilhamos com a intenção de contribuir com professores que buscam, através da pesquisa, da leitura, da reflexão e da experimentação, aprimorar e renovar suas práticas.

O material aqui exposto pretende colocar o livro literário, mais especificamente a narrativa infantojuvenil, *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, como centro da atividade. Compreendemos como é pungente e necessária a presença dos livros em sala de aula, não como objeto decorativo, mas nas mãos dos alunos, entregando aquilo a que se propõem: serem lidos.

A leitura é acompanhada em todas as etapas, seguindo o que sugere a sequência básica de Cosson (2016), como proposta de letramento literário. Além disso, nosso aporte em teorias que apresentam soluções gamificadas, voltadas para a aprendizagem, levaram-nos a utilizar elementos característicos da gamificação, com a intenção de manter o público leitor, ou seja, os alunos motivados. A gamificação tem caráter motivador nesta pesquisa.

Portanto, este caderno descreve uma proposta de leitura literária que pode ser adaptada e experimentada a partir de outras obras e com diferentes públicos pertencentes a outros níveis de ensino.

Compartilhar, trocar saberes e experiências possibilita ampliar conhecimentos. Diálogos sobre livros e literatura é o que desejo para você, para nós e para as próximas gerações.

Boa leitura!

# **1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO E GAMIFICAÇÃO**

## A SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON E A GAMIFICAÇÃO

Rildo Cosson em seu livro, **Letramento literário, teoria e prática** (2016), direcionado a professores do ensino básico, assim como propõe o título oferece contribuições teóricas e práticas que pretendem contribuir com o fortalecimento da literatura e das práticas leitoras em sala de aula. De acordo com ele, a escola precisa pensar a leitura de literatura além da promoção do hábito da leitura, “mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.” Cosson (2016, p. 30). De acordo com o autor, cabe a escola a promoção de experiências literárias que promovam o letramento literário.

A sequência básica apresentada por Cosson (2016), que consiste em quatro passos: **motivação, introdução, leitura e interpretação**, e pretende contribuir com o letramento literário na escola é o aporte para o desenvolvimento das atividades explicitadas neste caderno. Contudo, sentimos a necessidade de buscar na gamificação meios de garantir o entusiasmo e participação dos alunos durante o processo de leitura. A gamificação surge com o propósito de motivar a participação dos envolvidos durante todo o processo de letramento literário.

No aspecto educacional, ao buscarmos a gamificação como aliada para a aprendizagem, estamos focando no poder de engajamento e estímulo, impulsionados por experiências gamificadas. Alves (2015), expõe que os efeitos positivos de um indivíduo focado e engajado é a qualidade de sua performance. Pessoas motivadas realizam tarefas difíceis, se empenham e almejam alcançar o objetivo final.

O enlace da sequência básica de Cosson e a gamificação são caminhos que permitem vivenciar experiências literárias significativas na sala de aula. O letramento literário é desafiador, mas possível, e este caderno pedagógico pretende contribuir no que concerne estreitar relações entre a literatura e a escola.

**2. *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA E  
UMA EXPERIÊNCIA DE  
LETRAMENTO LITERÁRIO***

## ***O MEU PÉ DE LARANJA LIMA, UM CLÁSSICO BRASILEIRO***

A escola é o lugar de descobertas e de reencontros com os cânones. No Ensino Fundamental, em sua maior parte os alunos descobrem os clássicos.

*O meu pé de laranja lima* é um entre tantos clássicos que merece ser aberto e lido para que sua linguagem potente e emocionante envolva seus leitores. O livro foi escrito em 1968, por José Mauro de Vasconcelos, deixando nas páginas da narrativa aspectos autobiográficos que lembram a infância do autor. O livro foi publicado em vinte e três países e traduzido em quinze idiomas.

*O meu pé de laranja lima* é um convite a reflexões, dentre outros assuntos, sobre amizade e resiliência. É uma janela aberta para a infância de Zezé, personagem principal da obra. A linguagem potente e envolvente de José Mauro de Vasconcelos nos transporta para as ruas, a escola, a casa de Zezé; ele é um garoto de seis anos, com a inocência característica dessa idade, somada a uma personalidade criativa e curiosa, e sobretudo a uma personalidade peralta. Dessa forma, a narrativa embala, emociona e leva o leitor para bem perto do personagem. Acompanhar seus passos é se permitir experimentar diferentes sentimentos e, ao final, fechar o livro sem que ele saia de si.

*O meu pé de laranja lima* é uma obra potente e digna do lugar que ocupa em nossa literatura. Um clássico que não envelhece e permanece vivo e necessário. Assim, é preciso deixar as portas abertas para que ele possa entrar e deixar em seus leitores, as marcas de uma narrativa que evidencia, através dos personagens, as características da vida, ora sob a perspectiva da pobreza, ora sob a perspectiva da riqueza da alma.

### **3. A PROPOSTA**

Para a realização das atividades propostas e descritas a partir deste momento, compreendemos que dois bimestres são suficientes para sua realização, preferencialmente o segundo e terceiro bimestre, tendo em vista a escola durante o primeiro bimestre está se adequando ao início do ano letivo e o último bimestre ser geralmente, preenchido com eventos e atribuições extras.

É necessário dedicar momentos semanais em sala de aula com o propósito de realizar a leitura da obra e/ou intervalos de leitura. A leitura na escola é essencial para essa proposta, mas, por se tratar de uma narrativa extensa faz-se necessário que aconteça de forma presencial e remota.

O livro é uma narrativa de 211 páginas narrado em primeira pessoa e dividido em duas partes: a primeira parte é composta por cinco capítulos: O descobridor das coisas, Um certo pé de laranja lima, Os dedos magros da pobreza, O passarinho, a escola e a flor e “Numa cadeia eu hei de ver-te morrer”. e a segunda parte é composta por nove capítulos: O morcego, A conquista, Conversas para lá e para cá, Duas surras memoráveis, Suave e estranho pedido, De pedaço em pedaço é que se faz ternura, O Mangaratiba, Tantas são as velhas árvores, A confusão final. totalizando, catorze capítulos. O processo de leitura é acompanhado pelo professor através de estratégias gamificadas e encontros para discussão da obra que acontecerão de forma presencial e remota.

Para a realização da leitura sugerimos preferencialmente para as leituras em sala de aula, o livro físico, caso não seja possível, poderão ser usadas fotocópias para os encontros presenciais e arquivo de PDF da obra para a leitura remota, quando for sugerida. Os livros são disponibilizados em sala de aula e mantidos na escola, com exceção dos momentos em que os alunos são orientados a levar para seus lares a fim de ler os capítulos predeterminados pelo professor. Com relação, as cópias, conforme a leitura avance, para cada momento de leitura é disponibilizado apenas o material que será lido naquele momento.

Para estimular a participação, propomos a produção de um mural de incentivo, (espécie de barra de progresso, elemento característico da gamificação), onde constará os nomes de todos os alunos da turma. Ele será atualizado com recompensas conquistadas ao longo do processo. Sobre essas recompensas, elas resultarão da participação de cada aluno em momentos específicos. Parte das recompensas são conquistadas durante as aulas dedicadas a leitura e parte durante os intervalos. A descrição desses intervalos de leitura será feita no tópico sobre leitura, terceiro passo da sequência de letramento literário.

Sugestão para mural de incentivo:

## PAINEL DE INCENTIVO

## O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

	ATIVIDADE	ATIVIDADE	ATIVIDADE	ATIVIDADE	ATIVIDADE	ATIVIDADE
ALUNO	★	★	★			
ALUNO		★				
ALUNO	★	★				
ALUNO	★	★				
ALUNO	★					
ALUNO	★	★				
ALUNO	★					

A seguir, detalhamos cada um dos passos da sequência básica de Cosson, (2016), motivação, interpretação, leitura e interpretação, aplicadas em nossa pesquisa para a leitura do livro, O meu pé de laranja lima, de José Mauro de Vasconcelos e proposta de letramento literário.

### Primeiro passo da sequência – Motivação

**Conteúdo:** Apresentação de ilustrações do artista plástico Bê Sancho.

**Objetivos:**

- Promover reflexão crítica sobre a infância a partir das cenas ilustradas;
- Relacionar as imagens ao título da série: Afetos;
- Promover diálogo sobre situações típicas da infância;

Apresentar ilustrações do artista plástico Bê Sancho, da série Afetos, que traz em suas telas cenas que remetem a infância, provocando um debate e discussão acerca do dia a dia do próprio aluno, que poderá se reconhecer nas imagens, vislumbrar desejos, aspirações ou até mesmo, rejeitar e não reconhecer sua infância retratada naquelas cenas.

A intenção é começar a aproximar os alunos do tema infância, tendo em vista que nas etapas seguintes o livro, *O meu pé de laranja lima*, será apresentado aos alunos tendo a infância de Zezé retratada em suas páginas. Além disso, a escolha se justifica por permitir um momento de reflexão a partir de uma obra de arte que fala de forma diferente a cada aluno. Essa experiência artística única e individual, também acontece a partir da leitura literária. Na narrativa, a infância de Zezé, um garoto de seis anos, será acompanhada pelos leitores regada por muitos sentimentos. A emoção está presente na obra em muitos momentos e bem representada pela linguagem sensível e potente do autor, provocando nos leitores reações e sensações diversas, mostrando o potencial dessa obra prima de José Mauro de Vasconcelos.

### **Imagens de Bê Sancho selecionadas para a aula**

**Figura 01: À espera.** Óleo sobre tela. 70X50. 2019



FONTE: [www.besancho.com.br/galeria.html](http://www.besancho.com.br/galeria.html) em: 10 de maio de 2022.

**Figura 02: Tempo de Brincar.** Óleo sobre tela. 90X70. 2019



FONTE: [www.besancho.com.br/galeria.html](http://www.besancho.com.br/galeria.html) em: 10 de maio de 2022.

**Figura 03: Instinto.** Óleo sobre tela. 60X50. 2019



FONTE: [www.besancho.com.br/galeria.html](http://www.besancho.com.br/galeria.html) em: 10 de maio de 2022.

### **Segundo passo da sequência – Introdução**

O professor faz a demonstração do livro, *O meu pé de laranja lima*, e apresenta as informações gerais sobre o autor da obra.

**Conteúdo:** Apresentação da obra, *O Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos.

**Objetivos:**

- Apresentar a obra física para os alunos;
- Chamar a atenção para os elementos verbais e visuais da capa e contracapa da obra;
- Inferir sobre o tema da obra;
- Apresentar breves informações sobre o autor da obra.

A apresentação do livro escolhido acontece na aula posterior ao momento dedicado a motivação. Indicamos chamar a atenção da turma para capa, título da obra, fontes, cores, a fim de estimular a percepção, a inferência, a reflexão, a comparação, além de outros aspectos que podem surgir durante a discussão, tendo sempre o cuidado de estar atento a cada contribuição,

sem desmerecer ou diminuir as observações colocadas nesse momento da aula. O passo seguinte, é trazer informações breves sobre o autor José Mauro de Vasconcelos, que traz em *O meu pé de laranja lima*, um texto fortemente autobiográfico.

Para esta proposta, as atividades são guiadas com base no exemplar da editora Melhoramentos, publicado em 2019, e a partir dele, desenvolver todas as leituras e atividades. Com o exemplar em mãos, depois de ter passado por todos os alunos, o professor pode chamar a atenção para as ilustrações dessa edição, com questionamentos como, por exemplo, quais sentimentos são provocados? Qual estado de humor é representado pelo menino que ilustra a capa? O que levou a escolha das cores da capa, tipos e tamanhos de letras? Enfim, fazer uma leitura atenta e profunda da capa do livro, e ainda provocar reflexões sobre essas escolhas.

Ressaltamos que é importante começar desde então a trazer questionamentos e aguçar a curiosidade e a percepção do aluno.

O autor José Mauro de Vasconcelos deverá ser apresentado à turma como o criador dessa narrativa que será conhecida durante todo o percurso da leitura, escritor que deixa nessa obra clássica da literatura brasileira, registros de sua própria infância.

### **Terceiro passo da sequência – Leitura**

Este passo da sequência necessita de um tempo maior, tendo em vista que parte significativa da leitura acontecerá em sala de aula.

**Conteúdo:** Leitura da obra infantojuvenil, *O meu pé de laranja lima*.

**Objetivos:**

- Socializar os objetivos e planejamento de leitura;
- Ler os capítulos da obra de forma presencial e remota.
- Promover intervalos de leitura;
- Discutir sobre as abordagens do texto literário.
- Inferir sobre acontecimentos e situações em relação aos personagens.
- Motivar a continuidade da leitura através de estratégias da gamificação.

Propomos, para essa etapa, realizar parte da leitura na escola e parte de forma remota, mantendo uma média de um ou dois capítulos nos encontros presenciais e a mesma média de capítulos em casa após indicação do mediador. Iniciar e terminar um capítulo permite manter

uma melhor compreensão dos fatos e um ritmo adequado para a narrativa da edição mencionada para essa proposta. Recomendamos que em sala de aula haja um primeiro encontro para a leitura da obra e os capítulos seguintes já sejam direcionados para serem lidos em casa. Tendo em vista, a primeira parte do livro ser composta por cinco capítulos, para essa obra sugerimos um encontro presencial para os dois primeiros capítulos, seguidos da orientação de leitura do capítulo seguinte em casa para que na aula seguinte, após leitura do capítulo, aconteça o primeiro intervalo. Os dois últimos capítulos que encerram a primeira parte da obra é preferível que seja lido em sala de aula.

Para a segunda parte do livro, é importante manter a mesma média de leitura, alternando a leitura, parte em casa e parte na escola. A cada final de dois ou três capítulos, conforme o desenrolar da narrativa, é importante que aconteçam os intervalos de leitura, momentos que consideramos fundamentais para o sucesso da atividade.

### **Primeiro momento**

É importante esclarecer pontos que são necessários para a organização e bom funcionamento dessa etapa. Sugerimos que para o primeiro momento em sala de aula, seja orientada a organização das cadeiras em círculo, para melhor desenvolvimento da atividade, e desde então definir que em todos os momentos de leitura em sala de aula, as cadeiras estejam distribuídas daquela forma. Durante as aulas dedicadas a leitura da obra sugerimos que, se possível, caso haja outros cantos da escola, a leitura também aconteça fora da sala, em uma área externa ou outra repartição, como uma biblioteca, por exemplo. A intenção é manter a dinamicidade nas aulas, e a experimentação de lugares diferentes, a fim de encontrar o mais confortável possível para esses momentos.

Preferimos a utilização dos livros, mas em casos em que não haja a quantidade suficiente para cada aluno, as cópias contendo os dois primeiros capítulos são entregues a cada aluno. Ao se tratar do uso de cópias, sugerimos que essa traga a capa, folha de rosto, sumário e os capítulos a serem lidos. Os alunos terão um breve momento para poder folhear o material que tem em mãos antes do início da leitura. O professor faz uma explicação de como serão esses primeiros passos da leitura, deixando claro que ela não só acontecerá em sala de aula, mas também, de forma remota, através de arquivo de PDF que será disponibilizado em um grupo de WhatsApp criado pelo professor para disponibilizar e trazer todas as informações necessárias durante o desenvolvimento da etapa de leitura.

O docente inicia a leitura, comunicando antes que fará algumas pausas para que os alunos possam contribuir lendo alguns trechos da narrativa. Para que o ritmo da leitura não seja prejudicado deve ser acertado antes do início a sequência de leitores que irão participar. Essa divisão pode acontecer de acordo com a posição que os alunos se encontram sentados para que haja uma continuidade da leitura sem pausas muito longas. É possível, de acordo com o perfil de cada turma que alguns não se disponibilizem a ler. É importante respeitar o desejo do aluno e em outras oportunidades, voltar sempre a estimulá-los sem que haja um tom de exigência ou obrigação. O que esperamos é que até o fim dessa etapa, todos já estejam participando da leitura voluntariamente. Para turmas muito numerosas, pensamos que seja melhor dividir em duas partes, uma parte da turma participa da leitura da obra em um determinado dia e a outra parte fica para ler na próxima vez. É muito importante trazer para esses primeiros momentos todas as informações relacionadas ao processo de leitura.

É importante salientar que iniciar e terminar um capítulo permite manter uma melhor compreensão dos fatos e um ritmo adequado para a narrativa. Recomendamos que em sala de aula haja um primeiro encontro para a leitura da obra e os capítulos seguintes já sejam direcionados para serem lidos em casa. Tendo em vista, a primeira parte do livro ser composta por cinco capítulos, para essa obra sugerimos um encontro presencial para os dois primeiros capítulos, seguidos da orientação de leitura do capítulo seguinte em casa para que na aula seguinte, após leitura do capítulo, aconteça o primeiro intervalo. Os dois últimos capítulos que encerram a primeira parte da obra é preferível que seja lido em sala de aula.

A cada final de dois ou três capítulos, conforme o desenrolar da narrativa, é importante que aconteçam os intervalos de leitura, momentos que consideramos fundamentais para o sucesso da atividade.

#### **Quarto passo da sequência – Interpretação**

**Conteúdo:** Socialização das impressões da obra, O meu pé de laranja lima.

**Objetivos:**

- Promover um diálogo a respeito das impressões da obra;
- Refletir sobre as inferências feitas durante a leitura;
- Comparar a infância de Zezé, personagem principal da obra, com as ilustrações de Bê Sacho apresentadas na motivação que antecedeu o início da leitura.
- Produzir um podcast retratando aspectos da narrativa escolhidos pelos alunos.

Essa etapa da sequência acontece após término da leitura. É o momento de ouvir as impressões de cada um em relação a narrativa. Nesse momento, teremos conhecimento da obra na íntegra. Os registros orais de cada participante são muito importantes, porque representam a leitura de cada um diante da obra. *O meu pé de laranja lima* não será mais algo hipotético, será uma obra conhecida e sentida por cada leitor de forma única, conforme o contexto de leitura de cada um dos participantes.

Em nosso trabalho, a sugestão é trazer de volta nas aulas dedicadas a interpretação, as mesmas imagens impressas do artista plástico, Bê Sancho, que foram apresentadas no início da proposta durante a motivação e estimular uma análise comparativa do que foi lido sobre a infância de Zezé e a infância retratada na obra do artista.

Consideramos o diálogo com o texto essencial para o letramento literário e o contexto de produção do texto e do momento da leitura reflete sobre a compreensão da narrativa. A obra *O meu pé de laranja lima* lida na adolescência é recebida de forma diferente da mesma obra sendo lida na idade adulta. Cada leitura que fazemos de uma obra literária nos apresenta novas nuances e sentidos.

Após o final da leitura, acontece uma discussão acerca dos acontecimentos finais da narrativa, caso necessário, o professor inicia a discussão e escuta com atenção as opiniões e sentimentos despertados em cada um dos leitores.

Como atividade para finalizar todo o processo de leitura e letramento literário o professor solicita aos alunos a produção de um podcast, conteúdo auditivo, produzido para informar, estudar, entreter. O podcast é o veículo escolhido para registrar a opinião dos alunos acerca de questões que são colocadas durante a leitura da narrativa, reflexões e posicionamentos sobre o personagem Zezé e a narrativa *O meu pé de laranja lima*. É a ferramenta que permite a divulgação e compartilhamento do pensamento de cada aluno, além de oportunizar o registro da compreensão de cada grupo em torno da leitura.

A sugestão é que a realização dessa atividade aconteça em grupos. Sobre a formação de grupos de trabalhos para a produção do podcast, os alunos são orientados a se dividirem em equipes para discutirem juntos sobre os seguintes questionamentos: Qual momento da narrativa mais chamou sua atenção? Se você pudesse encontrar o personagem Zezé, o que você diria para ele? Cada aluno do grupo apresenta suas respostas e em seguida o grupo é orientado a produzir um podcast com base nesses questionamentos e nas respostas dadas para cada uma das perguntas. Esses destaques da narrativa quando decididos e escolhidos pelos alunos representam o olhar de cada um frente ao que foi lido, o que mais tocou e chamou a atenção dos leitores.

Como proposta para o podcast do livro *O meu pé de laranja lima*, sugerimos seguir em formato de entrevista. O professor solicita um representante do grupo para ser o entrevistador e os outros alunos assumem o papel de entrevistados. O grupo se organiza para produzir a introdução do podcast trazendo informações gerais sobre a obra e em seguida começar a sessão de perguntas e respostas.

A gravação do podcast pode ser realizada em ambientes próprios para isso, como por exemplo, utilizando o aplicativo gratuito *Anchor* que possibilita gravar, acrescentar trilha sonora, editar e postar com facilidade usando apenas o celular ou nos casos de inviabilidade do uso do aplicativo, o podcast pode ser produzido usando o gravador de voz de celulares.

Após todo o planejamento para a atividade, é importante que o professor demonstre uma gravação de um podcast usando a ferramenta *Anchor*, como também uma gravação usando o gravador de voz do celular. É importante que a demonstração aconteça em sala de aula com a participação dos alunos. O processo é simples, mas a demonstração é importante para que as dúvidas sejam elucidadas na prática.

Passadas todas as orientações, cada equipe fica responsável para postar no grupo do WhatsApp o link do seu podcast, ficando disponível no grupo para apreciação de toda a turma. É importante ressaltar que o podcast representa o registro da leitura da narrativa, *O meu pé de laranja lima* e pretende como o próprio nome sugere registrar o olhar do aluno diante da obra. As questões sugeridas aos alunos para o podcast podem ser ampliadas ou substituídas por outras que porventura algum aluno venha propor.

É importante disponibilizar para toda comunidade escolar os podcasts produzidos pelos alunos para que todos possam prestigiar os trabalhos produzidos.

## **OS INTERVALOS DE LEITURA**

Conscientes da importância de pausas durante a leitura para a realização de diálogos em torno da narrativa, sugerimos para essa obra que aconteça após a leitura dos primeiros três capítulos do livro, edição onde a narrativa é dividida em duas partes. Os capítulos, *O descobridor das coisas*, *Um certo pé de Laranja Lima* e *Os dedos magros da pobreza*, representam três dos cinco capítulos que compõem a primeira parte da obra. Esta é a sugestão para essa obra e edição, porém, para outras narrativas, essa decisão se dará conforme melhor momento identificado pelo professor. É aconselhável que não haja um espaço de tempo muito grande entre leitura e intervalo.

As metodologias gamificadas são de grande valia para motivar a participação e contribuir para que os alunos permaneçam na atividade. As estratégias de gamificação são perpassadas para encontros presenciais durante os intervalos, como também para atividades remotas. Embora estejam presentes em grande parte de todo o processo, os elementos que representam as estratégias gamificadas são mais amplamente utilizadas durante os intervalos.

Para os registros individuais de desempenho de cada estudante, sugerimos o mural de incentivo, citado em capítulo anterior como um dos elementos da gamificação. O mural tem como objetivo acompanhar a participação e esforço dos envolvidos e registrar a pontuação de cada aluno durante todo o percurso.

Para cada atividade realizada, que chamaremos de desafio, o aluno ganha uma recompensa que será cumulativa. As recompensas são estrelas conquistadas ao longo do desenvolvimento da proposta. No final do processo, a pontuação de cada um dos leitores é contada a fim de premiar os três primeiros colocados com brindes e medalhas. E os demais participantes ganham medalhas como forma de prestigiar a participação. Dessa forma, todos os participantes são contemplados.

Todas as regras para cada desafio ou atividade proposta, devem ser devidamente explicadas e esclarecidas para que não fiquem dúvidas. Oportunamente, é sugerível realizar tarefas extras com pontuação diferente para estimular os alunos que ficaram para trás, que estão nas últimas colocações no painel de incentivo. O objetivo é manter o entusiasmo aceso e disposição para continuarem a cumprir as tarefas designadas, e principalmente dedicação a leitura, principal objetivo. Dessa forma, todos permanecem até o fim participando com entusiasmo, interesse, almejando recompensas e se envolvendo com a narrativa.

### **Primeiro intervalo: As emoções**

Depois de ler os três primeiros capítulos do livro, sugerimos a realização do primeiro intervalo. Compreendemos que todos os intervalos são fundamentais para que a leitura seja significativa, No entanto, o primeiro intervalo, é primordial para estimular o aluno a leitura da obra, para esclarecer dúvidas e confusões que muitas vezes aparecem no início de uma narrativa. As relações entre os personagens nem sempre ficam claras para todos os leitores, em *O meu pé de laranja lima*, muitos personagens são citados durante os primeiros capítulos. Não lembrar ou não conseguir identificar a função e a relação de cada personagem entre si, pode comprometer o entendimento da obra, como também o interesse pela leitura.

Para esse momento inicial a proposta é realizar uma atividade em que as emoções de Zezé, personagem principal da obra, sejam comentadas a partir de uma dinâmica de perguntas e respostas, essa é uma forma de retornar ao texto e trazer informações que podem ter se perdido em algum momento. Esses capítulos iniciais são muito importantes, porque são apresentados muitos personagens e a relação deles com Zezé, protagonista da narrativa.

Para resgatar as memórias do que foi lido e atualizar aqueles que tenham perdido alguma informação, por distração, por ausência nas aulas dedicadas a leitura ou mesmo por não ter compreendido bem as informações narradas até aquele momento, sugerimos uma sequência de perguntas sobre as sensações e emoções experimentadas e provocadas por Zezé, identificadas nesse início de leitura. Como Zezé se sentia quando Totoca, seu irmão mais velho, lhe ensinava as coisas? Qual sensação Zezé experimentou ao atravessar a estrada sozinho pela primeira vez? Como Totoca ficou ao perceber que Zezé estava lendo? O quintal de Zezé se dividia em três brinquedos, o jardim zoológico, a Europa e o Luciano. Luciano era um morcego. Qual sensação Luciano provocou nos irmãos de Zezé? Essas perguntas são feitas com base na leitura dos três primeiros capítulos do livro.

A proposta é que os alunos respondam através de placas que são entregues a cada um. As placas contêm diferentes *emojis* representando sentimentos e sensações. São eles: alegria, medo, surpresa, dor, preocupação, tristeza. Ao serem questionados, cada aluno apresenta sua resposta levantando a placa com o *emoji* que corresponde a resposta correta de acordo com o que foi lido.

No decorrer da atividade, manter um diálogo lembrando momentos da leitura que evidencie fatos que fundamentam cada resposta, fortalece a relação do aluno com a leitura e a relação entre todos enquanto leitores daquela obra. Refletir, construir argumentos, refutar, respeitar o turno de fala de cada participante, são algumas das lições que o momento pode ensinar, além do fortalecimento do elo aluno/narrativa.

O painel de incentivo recebe estrelas de participação de acordo com a coerência das respostas em relação ao que foi lido até aquele momento.

Destacamos que essa estratégia permite ao aluno perceber que as recompensas dependem diretamente da propriedade que ele tem em relação ao que foi lido. Manter uma leitura atenta é importante e pode trazer recompensas.

Participação na atividade: estrelas no painel de incentivo.

## **Segundo intervalo: A escola**

A escola, para o personagem Zezé é um ambiente de descobertas, alegrias, frustrações e de muita expectativa. A proposta para este intervalo é iniciar um diálogo acerca do tema escola no contexto da narrativa, como são as relações entre eles e em seguida trazer para discussão as relações de convivência, que envolvem a própria escola. Oportunizar a esses leitores que também são alunos, reflitam sobre esse espaço comum, onde convivem alunos, professores, funcionários, todos os atores que formam as instituições de ensino.

Para esse intervalo, a sugestão é que aconteça logo após os dois últimos capítulos da primeira parte do livro que são, *O passarinho, a escola e a flor* e “*Numa cadeia eu hei de verte morrer*”. Os capítulos citados encerram a primeira parte do livro, conforme divisão da obra. A aula será iniciada ouvindo dos alunos as impressões deles em relação a obra até aquele momento. É importante aceitar e considerar que algum aluno pode não está gostando da experiência, no entanto, o papel do professor é ouvir todos e continuar estimulando até o final.

Um dos capítulos que antecedem esse intervalo narra as expectativas e experiências de Zezé na escola. Com a intenção de retomar esse momento da leitura, tendo em vista, a escola ser para o personagem Zezé, um lugar que ele esperava com muita expectativa começar a frequentar.

Para introduzir o intervalo, a escolha do poema de Paulo Freire que transmite um ideal de escola, se justifica justamente por ter forte relação com a narrativa. O poema escolhido para leitura introdutória do intervalo é, *A escola é*, de Paulo Freire. O texto é lido pelo professor para os alunos e em seguida, é iniciado um diálogo sobre a importância dessa instituição para cada um, e qual a contribuição dessa instituição para a sociedade.

Os alunos são orientados a selecionar trechos do poema de Paulo Freire e relacionar esses trechos a momentos da narrativa que representem uma escola ideal no que se refere aos aspectos da convivência, incluindo não só alunos e professores, mas todos aqueles que a compõe. Esses trechos podem representar o que eles consideram positivo, mas também aspectos negativos, que de acordo com o que eles entendem não deveriam fazer parte do cotidiano escolar. A intenção é além de rememorar a narrativa, aproveitar para tratar de questões como respeito, empatia, solidariedade, entre outros pontos importantes de estarem em pauta na escola. Além disso, gerar consciência acerca do papel de cada um naquela instituição a qual fazem parte e o quanto é importante conviver em um ambiente em que todos contribuam e exerçam suas funções de maneira consciente e responsável.

**Poema: A escola é (Paulo Freire)**

Escola é  
... o lugar que se faz amigos.  
Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
Programas, horários, conceitos ...  
Escola é sobretudo, gente  
Gente que trabalha, que estuda  
Que alegre, se conhece. Se estima.

O diretor é gente.  
O coordenador é gente,  
O professor é gente.  
O aluno é gente.  
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor  
Na medida em que cada um se comporte  
Como colega, amigo, irmão.  
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”  
Nada de conviver com as pessoas e depois,  
Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
É também criar laços de amizade. É criar ambiente de camaradagem,  
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico ...  
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.  
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

FREIRE, Paulo. *A escola*, Nova Escola, N. 163, jun-Jul, 2003.

Os registros da atividade são expostos de forma oral e escrita e compartilhada entre os envolvidos. Apresentamos ainda, como proposta para este intervalo, após as contribuições orais, a produção de cartazes contendo os registros resultantes das reflexões acerca da narrativa, correlacionados a vivência escolar de cada um.

Nessa etapa do intervalo, é proposto que os alunos formem grupos para esquematizar a produção de um cartaz que será confeccionado em casa para poder ser exposto na escola. O cartaz terá o tema *A escola é*, referenciando o poema de Paulo Freire, trazendo imagens relacionadas aos trechos do poema e da narrativa, conforme escolha de cada grupo.

O momento em sala de aula é importante, no sentido de passar todas as orientações em relação ao cartaz, como tamanho de letra e adequação ao espaço utilizado, legibilidade, destaque do tema e partes importante, as quais, o grupo queira chamar atenção e principalmente, a esquematização em rascunho das primeiras ideias que o grupo terá para realizar a atividade. É importante que nessa aula, eles já saiam com boa parte do trabalho já planejado e todas as funções divididas entre eles.

Os alunos devem sair da aula com o esboço do que pretendem desenvolver já planejado e encaminhado, mas a conclusão do trabalho e entrega do cartaz acontece uma semana depois, para ser prestigiado e afixado em paredes da escola e divulgado com alunos de outras turmas com breves visitas guiadas por professores, a fim de despertar valores importantes para uma boa convivência em grupo.

Pretende-se com a atividade despertar a consciência do lugar de cada um em um grupo, em uma organização, em uma instituição. Além da necessidade de que cada um cumpra sua parte, suas obrigações para que as coisas funcionem com harmonia, fazendo um paralelo entre o poema de Paulo Freire e a narrativa lida até aquele momento.

A relação de grupo, de coletividade tem um destaque maior nesse intervalo. As recompensas dependerão da forma como o grupo se relaciona. Cada aluno precisa exercer uma função e desenvolvê-la bem para o sucesso coletivo da atividade.

Participação na atividade: 2 estrelas no painel de incentivo.

### **Terceiro intervalo: A amizade**

Para este intervalo, a proposta é que aconteça após a leitura dos primeiros capítulos, referente a segunda parte da obra que é composta por nove capítulos. Os três primeiros capítulos referentes a segunda parte da obra, conforme divisão da edição utilizada para ilustrar a atividade, consistem em: *O morcego*, *A conquista* e *Conversas para lá e para cá*.

É aconselhável que parte da leitura aconteça em sala de aula e parte extraclasse, como sugerido em outros momentos. O professor poderá solicitar que os alunos leiam em casa até a página selecionada por ele e na aula seguinte a leitura continua na escola, no entanto é imprescindível que haja antes uma conversa que retome os acontecimentos dos capítulos anteriores, para só depois iniciar a leitura coletiva e compartilhada em sala de aula, esse procedimento é aconselhável para todas as retomadas da leitura nos momentos presenciais. Para a leitura é considerável estabelecer dois horários em um dia para sua realização e em um outro momento mais dois horários que serão dedicados ao intervalo denominado: a Amizade.

Esse intervalo acontece de forma híbrida, parte via mídias digitais através de link deixado em grupo específico formado desde o início do processo de leitura e a outra parte em sala de aula.

O link disponibilizará uma sala de bate-papo em um *Padlet*, o qual, os alunos serão orientados a registrar seus comentários ao término dos capítulos citados anteriormente. O foco desse intervalo é trazer uma discussão entre alunos, em relação a amizade de Zezé com Minguinho (o pé de laranja lima) e Manoel Valadares (o Portuga), via um bate-papo virtual, através da mídia *Padlet*. A ferramenta possibilita ao aluno fazer seu comentário, bem como comentar e reagir as postagens dos demais. O espaço é aberto para que cada aluno registre sua opinião acerca dos seguintes questionamentos: Como é a amizade de Zezé com Minguinho e o Português? Em que se assemelham e em que se diferenciam? Em quais aspectos essa amizade contribuiu para o crescimento e amadurecimento de Zezé?

A exemplo:



<https://pt-br.padlet.com/auth/login>  
<https://padlet.com/joselysferreira/bate-papo-liter-rio-g1o8nqjgww4wyf55/wish/2495238670>

No encontro presencial, as contribuições oralmente colocadas são abordadas, conforme os alunos se habilitem a externar o que pensam sobre o tema amizade e as evidências encontradas na obra com relação a amizade de Zezé e outros personagens. É possível que algum aluno já faça referência as experiências de Zezé, protagonista da obra, com relação a

convivência e sentimento de amizade que ele tem com seu irmão mais novo, a professora da escola, e especialmente, com Manoel Valadares (o Portuga) e Minguinho (o pé de laranja lima), amigos a quem ele confia suas alegrias e dores. Caso não aconteça, o professor traz para a conversa tais aspectos da obra.

Nesse encontro, todos os alunos recebem quatro estrelas para serem afixadas no painel. Duas das estrelas conquistada por participar do bate-papo virtual e a outras duas pelas contribuições orais em sala de aula.

Participação na atividade: 04 estrelas no painel de incentivo.

#### **Quarto intervalo: A dor**

Após realizar a leitura dos capítulos, *Duas surras memoráveis*, *Suave e estranho pedido* e *De pedaço em pedaço é que se faz ternura*, este será o último intervalo que acontece e encaminha o aluno para a conclusão da obra.

O quarto e último intervalo que antecede o desfecho final da narrativa, acontece após a leitura de capítulos carregados de muita emoção. As dores e desalentos do jovem protagonista é acompanhada pelo leitor através da brilhante escrita de José Mauro de Vasconcelos.

Para iniciar o intervalo, sugerimos levar a música, Enquanto houver sol, do grupo musical Titãs. A música e a narrativa se assemelham em momentos que mostram uma situação de desespero e dor, seguidos da escolha de seguir o curso da vida, mediante a esperança de dias melhores.

Cada aluno se pronuncia conforme sinta vontade, e todas as reflexões são ouvidas com atenção e interesse. É importante salientar que a narrativa é a mesma, no entanto, diferentes aspectos tanto da narrativa quanto da música são abordados e destacados pelos alunos, tendo em vista que, cada vivência e experiência pessoal tende a contribuir com a forma como o texto é absorvido por cada um dos leitores, mesmo tratando-se da leitura em comum do mesmo livro.

## ENQUANTO HOVER SOL – TITãs

Quando não houver saída  
Quando não houver mais solução  
Ainda há de haver saída  
Nenhuma ideia vale uma vida

Quando não houver esperança  
Quando não restar nem ilusão  
Ainda há de haver esperança  
Em cada um de nós  
Algo de uma criança

Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol

Quando não houver caminho  
Mesmo sem amor, sem direção  
A sós ninguém está sozinho  
É caminhando  
Que se faz o caminho

Quando não houver desejo  
Quando não restar nem mesmo dor  
Ainda há de haver desejo  
Em cada um de nós  
Aonde Deus colocou

Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol

Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol

Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol

Após esse momento inicial do intervalo, os alunos são convidados a se dividirem em dois grupos. Cada equipe escolhe um líder que terá a função de apresentar para todos a produção de sua equipe. O professor explica a dinâmica da atividade. Ele disponibiliza em um canto central da sala de aula alguns envelopes enumerados contendo frases que foram tiradas da letra da música e frases que foram tiradas dos três capítulos citados no início da descrição desse intervalo. O líder do grupo escolhe um número e pergunta primeiro se a frase sorteada pertence a música ou a narrativa. Depois o grupo escolhe entre si, um dos componentes para representar a frase lida através de um desenho. As equipes são orientadas a entregar o desenho pronto no tempo de 10 minutos. Além de entregar o desenho, o aluno terá um tempo breve para explicar o porquê das escolhas feitas para representar a frase.

O professor encerra esse intervalo encaminhando os leitores para o final da narrativa, ouvindo os alunos sobre as expectativas para o final da obra. Ele explica que haverá um encontro final, agendado com a turma para a o último encontro relacionado a leitura da obra. Este encontro é destinado a Interpretação, última etapa da sequência básica de Cosson (2016) e acontece após conclusão da leitura.

Sobre as recompensas, cada equipe pontua de acordo com os acertos, cada acerto corresponde a uma estrela.

Participação na atividade: 01 estrela no painel de incentivo para cada resposta correta.

## **4. QUADRO DE RECOMPENSAS**

Elementos da sequência básica	Atividade	Recompensa
<p style="text-align: center;"><b>MOTIVAÇÃO</b></p>	<p>O painel de incentivo é apresentado a turma. O professor informa que ele será preenchido ao longo de aulas específicas que serão dedicadas a leitura de uma obra literária que será apresentada na aula seguinte</p> <p>Apresentação de ilustrações do artista plástico Bê Sancho;</p> <p>Discussão os sentidos da obra.</p>	<p>O painel de incentivo começa a ser preenchido a partir dessa aula. Todos os presentes recebem a recompensa. 01 estrela</p>
<p style="text-align: center;"><b>INTRODUÇÃO</b></p>	<p>Apresentação da obra, <i>O meu pé de laranja lima</i> e autor, José Mauro de Vasconcelos</p>	<p>Todos os presentes recebem a recompensa. 01 estrela</p>
<p style="text-align: center;"><b>LEITURA</b></p>	<p>Início da leitura da obra em sala de aula. (leitura dos capítulos 1 e 2)</p> <p><b>Primeiro intervalo – As emoções</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Distribuição de placas com <i>emoji</i> que representam sentimentos e sensações.</li> <li>➤ Leitura realizada pelo professor de perguntas relacionadas a leitura dos capítulos lidos.</li> <li>➤ Respostas de acordo com a narrativa apresentadas pelos alunos através das placas.</li> </ul> <p><b>Segundo intervalo – A escola</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Leitura do poema, <i>A escola é</i>, de Paulo Freire;</li> <li>➤ Discussão acerca do poema;</li> </ul>	<p>Todos os presentes recebem a recompensa. 01 estrela</p> <p>Os alunos recebem uma estrela para cada resposta correta.</p> <p>Todos os presentes recebem a recompensa.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação de pontos de relação entre o poema e a narrativa;</li> <li>➤ Produção de cartaz temático – A escola é.</li> </ul> <p><b>Terceiro intervalo – A amizade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Discussão em sala de aula acerca dos capítulos lidos.</li> <li>➤ Bate-papo via <i>padlet</i>.</li> </ul> <p><b>Quarto intervalo – A dor.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação da canção, Enquanto houver sol - Titãs;</li> <li>➤ Discussão acerca da canção</li> <li>➤ Relação entre a canção e os capítulos lidos;</li> <li>➤ Dinâmica: apresentação de frases que representam trechos da música ou da narrativa para que os alunos identifiquem a origem da frase.</li> <li>➤ Representação das frases sorteadas através de ilustrações.</li> </ul>	<p>01 estrela</p> <p>Entrega do cartaz dentro do prazo: 02 estrelas</p> <p>Entrega do cartaz com atraso: 01 estrela</p> <p>Todos os presentes recebem a recompensa. 01 estrela</p> <p>Participação individual no bate-papo: 04 estrelas</p> <p>Cada grupo recebe uma estrela para cada resposta correta seguida da ilustração.</p>
INTERPRETAÇÃO	Produção de um Podcast	<p>Encaminhamento do podcast dentro do prazo: 10 estrelas</p> <p>Encaminhamento do podcast com atraso: 08 estrelas</p>

## **5. UMA PALAVRA FINAL AOS PROFESSORES**

Concluimos este caderno, que é fruto da pesquisa que tem como objetivo demonstrar possibilidades de letramento literário, nos anos finais do ensino fundamental, conscientes das condições desafiadoras que frequentemente nos deparamos no contexto escolar, no que se refere ao trabalho com a literatura na escola, tais como: acervo insuficiente, espaço físico inadequado e bibliotecas escassas, além das atribuições escolares advindas do cumprimento do currículo da disciplina, demandando tempo e planejamento, resultando em pouco ou nenhum espaço para estudos e discussões sobre práticas literárias eficazes.

No entanto, consideramos que a literatura precisa estar presente em todos os níveis escolares, de forma consistente e contínua. Este caderno é nossa contribuição para os professores de Língua Portuguesa que estão em busca de caminhos que levem o livro para as mãos dos alunos. Há muito a ser estudado, observado e discutido em relação aos estudos literários, mas compreendemos que é urgente solidificar as práticas literárias em sala de aula com foco no letramento literário.

Este caderno é apenas uma possibilidade que pode ser seguida conforme descrito em cada passo, mas que ao nosso ver é uma janela de auxílio ao professor podendo ser adaptada para sua realidade, conforme suas necessidades e possibilidades. O importante é seguir abrindo outras janelas em uma busca contínua e incansável pela procura de novas fontes, novas estratégias. E seguir experimentando caminhos que façam a literatura permear e pulsar no ambiente escolar. É o que desejamos!

## **REFERÊNCIAS**

**ALVES, Flora. Gamification: como criar experiências de aprendizagem engajadoras: um guia completo: do conceito à prática. 2. ed. São Paulo: DVS Editora, 2015.**

**COSSON, Rildo. Letramento Literário: Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.**

**VASCONCELOS, José Mauro de. O meu pé de laranja lima. 4. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2019.**